

**UNIVERSIDADE DE SOROCABA**  
**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E INOVAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**Ana Claudia Martins Rosa**

**A RESSIGNIFICAÇÃO DA BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA:  
USO DE ESPAÇOS EDUCATIVOS EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR  
DE SOROCABA/SP**

**Sorocaba/SP**

**2024**

**Ana Claudia Martins Rosa**

**A RESSIGNIFICAÇÃO DA BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA:  
USO DE ESPAÇOS EDUCATIVOS EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR DE  
SOROCABA/SP**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Édison Trombeta de Oliveira  
O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

**Sorocaba/SP**

**2024**

### Ficha Catalográfica

R694r Rosa, Ana Claudia Martins  
A resignificação da biblioteca universitária : uso de espaços educativos em instituições de ensino superior / Ana Claudia Martins Rosa. – 2024.  
90 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Édison Trombeta de Oliveira  
Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP, 2024.

1. Bibliotecas universitárias. 2. Bibliotecários. 3. Ensino superior. 4. Gestão do conhecimento. I. Oliveira, Édison Trombeta de, orient. II. Universidade de Sorocaba. III. Título.

Ana Claudia Martins Rosa

**A RESSIGNIFICAÇÃO DA BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA:  
USO DE ESPAÇOS EDUCATIVOS EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR DE  
SOROCABA/SP**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Édison Trombeta de Oliveira

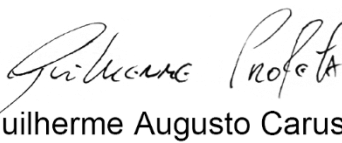
Aprovado em: 21 de fevereiro de 2024

BANCA EXAMINADORA:



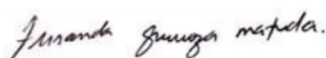
Prof. Dr. Édison Trombeta de Oliveira

Universidade de Sorocaba



Prof. Dr. Guilherme Augusto Caruso Profeta

Universidade de Sorocaba



Profa. Dra. Fernanda Guinoza Matuda

Centro Universitário Senac

Dedico aos meus pais Claudio e Jacira, que proporcionaram a mim e aos meus irmãos (de formas diferentes) a possibilidade de almejar o ingresso ao Ensino Superior.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pois sem Ele esta jornada não teria transcorrido.

Ao Leandro e à Fernanda, por me proporcionarem o ingresso ao meu primeiro estágio em uma biblioteca escolar.

À Vera Lúcia, bibliotecária, que me propiciou a oportunidade de retornar à biblioteca e, em vista disso, seguir minha profissão.

Aos meus pais, Claudio e Jacira, por desejarem o melhor para mim e pelos seus esforços para que eu chegasse até aqui.

Ao Anderson, pela compreensão das minhas ausências, pela presença nas inúmeras leituras de capítulos e artigos e pelo apoio nesta caminhada.

À Prof<sup>a</sup>. Dra. Belinda, pelo auxílio na confecção do projeto para ingressar no mestrado e grande incentivadora.

Ao João Henrique, Rita de Cássia e Cristiane, por me “abrirem as portas” do Senac Sorocaba.

Ao Rodrigo, por adequar a minha escala de trabalho para participar das disciplinas e grupos de estudos, além do incentivo na participação em congressos e continuação da minha jornada acadêmica e profissional.

À Eliane, que atua comigo há 13 anos, que esteve ao meu lado nos dias bons e, principalmente, nos dias “não tão bons assim”. Minha eterna gratidão pelo profissionalismo que demonstra em cada ação.

Ao SENAC, pela bolsa de estudo no primeiro ano do mestrado.

À CAPES, pela bolsa de estudos no segundo ano do mestrado.

À UNISO, pela qualidade de ensino proporcionada a mim e aos meus colegas.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Édison, pelo carinho, zelo, dedicação e profissionalismo com que trata seus alunos e orientandos.

Aos professores da banca, Prof. Dr. Guilherme e Prof<sup>a</sup>. Dra. Fernanda, por aceitarem participar deste momento, por dedicarem algumas horas de suas agendas para ler este trabalho e apontar caminhos para melhoria.

Ao Samuel, com quem partilhei conversas sobre o andamento das nossas pesquisas, dividi e somei trabalhos de disciplinas e grupos de estudos.

As bibliotecas existem porque existem pessoas, e não somente porque existem livros. Apesar dos relacionamentos sociais estarem cada vez mais baseados no virtual, a valorização do contato físico, a interação face-a-face, pode ser uma importante estratégia.

(Bruna Lessa; Henriette Ferreira Gomes)

## RESUMO

Esta dissertação de mestrado tem como foco o espaço físico e as ações educacionais da biblioteca universitária como locus de ensino. A intenção é analisar o espaço físico da biblioteca universitária na perspectiva do novo paradigma da biblioteca física como espaço ativo de aprendizagem e suas funções multivariadas sob a perspectiva do bibliotecário. A pesquisa é baseada em revisão bibliográfica, livros, artigos científicos, teses e dissertações, além de entrevista com bibliotecários de instituições de ensino superior de Sorocaba-SP. A pergunta norteadora é: Que espaços e profissionais são necessários para que a biblioteca universitária seja dedicada à convivência e à troca de experiências para a comunidade local? Com as mudanças significativas nos últimos anos, observa-se que a biblioteca universitária é muito mais que emprestar livros. Elas funcionam como um espaço de lazer e entretenimento, promovendo ações culturais, eventos, *networking* e *coworking*, sendo consideradas espaços de convivência e de troca de experiências pela comunidade local. Assim, é necessário refletir se esses espaços e profissionais estão preparados para este novo momento. Como justificativa, acredita-se que a biblioteca universitária possa contribuir para a inserção do aluno no mercado de trabalho, visto que pode ajudar a desenvolver competências relevantes a fim de auxiliá-lo a entrar e manter-se no mercado de trabalho. Para esta pesquisa foram utilizados autores das áreas de biblioteconomia e de educação escolar com foco no ensino superior.

**Palavras-chave:** biblioteca universitária; bibliotecário; ensino superior.

## ABSTRACT

This master's dissertation focuses on the physical space and educational actions of the university library as a locus of teaching. The aim is to analyse the physical space of the university library from the perspective of the new paradigm of the physical library as an active-learning space and its multivariate functions from the librarian's perspective. The research is based on bibliographic reviews, books, scientific articles, theses and dissertations, as well as interviews with librarians from higher education institutions in Sorocaba-SP. The guiding question is: What spaces and professionals are needed for the university library to be dedicated to coexistence and the exchange of experiences for the local community? With the significant changes in recent years, it is observed that the university library is much more than just lending books. They function as a space for leisure and entertainment, promoting cultural activities, events, networking and coworking, being considered spaces for coexistence and exchange of experiences by the local community. Thus, it is necessary to reflect on whether these spaces and professionals are prepared for this new moment. As a justification, it is believed that the university library can contribute to the student's insertion in the job market, since it can help to develop relevant skills in order to assist them in entering and remaining in the job market. This research used authors from the areas of library science and school education with a focus on higher education.

**Keywords:** university library; librarian; university education.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|          |  |    |
|----------|--|----|
| Quadro 1 | Teses e Dissertações encontradas na busca.....   | 16 |
| Quadro 2 | Evolução das Bibliotecas.....  | 38 |
| Figura 1 | Ilustração do modelo metodológico antes de realizar a entrevista<br>semiestruturada..... | 58 |
| Figura 2 | Ilustração do modelo metodológico após aprovação pelo CEP....                            | 59 |

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

|        |  |
|--------|--|
| ALA    | American Library Association   |
| BDTD   | Biblioteca Digital de Teses e Dissertações   |
| BU     | Biblioteca Universitária   |
| BV     | Biblioteca Virtual   |
| CAPES  | Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior do Ministério da Educação          |
| CEP    | Comitê de Ética e Pesquisa   |
| CRB    | Conselho Regional de Biblioteconomia   |
| EaD    | Educação a Distância   |
| Enade  | Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes  |
| FEBAB  | Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas de Informação e Instituições |
| GTRU   | Grupo de Trabalho de Reforma Universitária   |
| HQ     | História em Quadrinhos   |
| IDEB   | Índice de Desenvolvimento da Educação Básica   |
| IDH    | Índice de Desenvolvimento Humano   |
| IES    | Instituição de Ensino Superior   |
| IMAPES | Instituto Manchester Paulista de Ensino Superior   |
| LDB    | Lei de Diretrizes e Bases  |
| MEC    | Ministério da Educação   |
| ProUni | Programa Universidade para Todos   |
| SENAC  | Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial   |
| SINAES | Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior   |
| SNBU   | Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias   |
| TCC    | Trabalho de Conclusão de Curso   |
| TCLE   | Termo de Consentimento Livre e Esclarecido   |
| TIC    | Tecnologia da Informação e Comunicação   |
| UAB    | Universidade Aberta do Brasil  |
| UFGD   | Universidade Federal da Grande Dourados  |
| UFPA   | Universidade Federal do Pará   |
| UFRJ   | Universidade Federal do Rio de Janeiro   |
| Unb    | Universidade de Brasília   |

## SUMÁRIO

|          |  |           |
|----------|--|-----------|
| <b>1</b> | <b>INTRODUÇÃO .....</b>  | <b>12</b> |
| 1.1      | Estado da questão.....   | 16        |
| <b>2</b> | <b>ENSINO SUPERIOR.....</b>  | <b>21</b> |
| 2.1      | Período Jesuítico (1549-1759).....                                   | 21        |
| 2.2      | Ensino Superior no Brasil (1808-1964).....                           | 25        |
| 2.3      | Reforma Universitária de 1968 – Lei nº 5.540/68.....                 | 27        |
| 2.4      | Sistema de Ensino Superior no Brasil – de 1970 aos dias de hoje..... | 30        |
| 2.5      | Educação a Distância (EaD) no Ensino Superior.....                   | 33        |
| <b>3</b> | <b>BIBLIOTECAS: DE ALEXANDRIA À BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA</b>         | <b>36</b> |
| 3.1      | História das Bibliotecas – Da Antiguidade à Idade Média.....         | 36        |
| 3.1.1    | Gutenberg e a invenção da prensa.....                                | 39        |
| 3.2      | Bibliotecas Universitárias.....                                      | 40        |
| 3.3      | Inovação em Bibliotecas Universitárias e o avanço das TICs.....      | 44        |
| 3.4      | Bibliotecas – Muito mais que livros.....                             | 47        |
| 3.5      | Bibliotecário – Que profissional é esse?.....                        | 49        |
| <b>4</b> | <b>METODOLOGIA DA PESQUISA.....</b>                                  | <b>55</b> |
| 4.1      | Entrevista.....  | 55        |
| 4.2      | Crítérios para a escolha dos participantes.....                      | 58        |
| 4.3      | Coleta de dados.....   | 58        |
| 4.4      | Análise dos dados.....   | 59        |
| <b>5</b> | <b>RESULTADOS E DISCUSSÕES.....</b>                                  | <b>61</b> |
| 5.1      | Papel da Biblioteca.....   | 61        |
| 5.2      | Espaços.....   | 67        |
| 5.3      | Inovação e Tecnologia.....   | 73        |
| <b>6</b> | <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>                                     | <b>77</b> |
|          | <b>REFERÊNCIAS.....</b>  | <b>79</b> |
|          | <b>APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA - TÓPICO GUIA.....</b>         | <b>87</b> |
|          | <b>APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E</b>                   | <b>88</b> |
|          | <b>ESCLARECIDO (TCLE).....</b>                                       |           |
|          | <b>APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO DE</b>                        | <b>90</b> |
|          | <b>PARTICIPANTE DA PESQUISA.....</b>                                 |           |

## 1 INTRODUÇÃO

Este capítulo discorre sobre o meu interesse pela biblioteconomia e, conseqüentemente, por esta pesquisa, com fatos marcantes da minha trajetória acadêmica e profissional. Feita essa introdução, apresento os objetivos desta pesquisa e inicio um subcapítulo com o estado da questão, que aborda cinco trabalhos (teses e dissertação) que foram relevantes para este.

O interesse pela pesquisa surgiu durante minha trajetória profissional. Já a escolha da profissão teve início no ensino médio, em um estágio na biblioteca do Colégio Objetivo Sorocaba, onde também estudava. Esse estágio custeava a minha bolsa de estudos no valor integral.

Trabalhei nesse colégio durante os três anos do ensino médio. No primeiro ano atuei na biblioteca da instituição. Recordo-me que meu pai comentou: “Ana, por que você não faz biblioteconomia?”. Eu respondi: “Trabalhar em uma biblioteca a vida inteira?”. Não dei a mínima atenção para essa possibilidade.

No segundo ano, passei a atuar no laboratório de Informática, pois os estagiários realizavam rodízio de atividades/setores e eu cursava o técnico em informática, que era integrado ao ensino médio. No terceiro ano passei a trabalhar com a psicóloga responsável pela orientação vocacional dos alunos.

Nessa época, cogitei fazer diversos cursos, como psicologia, direito e nutrição. Escolher o que fazer pelo resto da vida aos 18 anos é algo que tira o sono de qualquer jovem, pois, muitas vezes, não estamos preparados para saber qual profissão queremos de fato seguir.

Após o término do ensino médio, em 2002, e sem a aprovação em faculdades federais/estaduais nos cursos citados acima, iniciei um curso pré-vestibular no mesmo colégio. Para fazer o cursinho, contei com o auxílio do meu pai para pagar as mensalidades. Nesse mesmo ano reencontrei minha ex-chefe da biblioteca do colégio. Ela atuava como bibliotecária no Gabinete de Leitura Sorocabano e me convidou para trabalhar com ela como auxiliar de biblioteca.

Fui apenas para conseguir custear as mensalidades do curso pré-vestibular, que naquele momento já pesavam no orçamento familiar. Ao trabalhar nessa biblioteca, enxerguei o bacharelado em biblioteconomia sob outra ótica e passei a cogitar a possibilidade de cursá-lo, pois me sentia confortável na atividade que exercia.

Sendo assim, comecei a pesquisar faculdades que ofereciam o curso de

biblioteconomia em São Paulo. Em 2005, surgiu em Sorocaba a primeira faculdade a oferecer o curso no formato presencial, a uma quadra da biblioteca onde eu trabalhava. Não tive dúvidas, realizei a prova do vestibular e entrei na primeira turma de biblioteconomia do Instituto Manchester Paulista de Ensino Superior (IMAPES), que teve início em agosto de 2005.

A mensalidade era bem superior ao meu salário da época e, sendo assim, minha mãe me deu a seguinte missão: “Faz a matrícula que depois damos um jeito”. E foi o que aconteceu. Meu pai ficou com a “missão” de custear 50% da mensalidade e eu os outros 50%, uma vez que a intenção era não entrar em um financiamento estudantil, pois caso eu não conseguisse me colocar no mercado de trabalho após a formação, pelo menos eu não teria dívidas. O “paitrocínio” me livrou de dívidas futuras e seguiu comigo da 1ª a 48ª parcela sem nenhum atraso.

Em 2006, voltei a atuar na biblioteca do Colégio Objetivo, onde fiz o meu primeiro estágio. Nessa época já era uma nova gestão; e também atuei em outra unidade, localizada no Bairro Portal da Colina. Estagiava na biblioteca infantil do colégio, que ficava no prédio do ensino fundamental I (da primeira à quarta série, à época). Ela era também frequentada por crianças da educação infantil, que ficavam no prédio ao lado, ou seja, atendia crianças de três a dez anos, além de professores da educação infantil.

Em 2008 passei a atuar na biblioteca da Faculdade Uirapuru, estágio que me foi proporcionado por uma professora da faculdade. Para conciliar com o estágio do colégio, eu me organizava da seguinte forma: das 8h às 12 trabalhava na biblioteca do colégio, das 13h às 19h, na da faculdade. Em dezembro de 2008 finalizei minhas atividades na biblioteca infantil.

Em 2009, a intenção era ficar somente no estágio da faculdade, pois como estava no último semestre da graduação, fazia o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Porém surgiu a oportunidade de atuar como temporária na implantação da Faculdade Pitágoras, em Votorantim, por três meses. Minha função na biblioteca era cadastrar os livros no sistema e liberá-los para que outras pessoas fizessem a impressão da etiqueta e a ordenação das prateleiras. As pessoas que colavam a etiqueta nunca tinham tido contato com biblioteca e cabia a mim orientá-las na forma de organizar os livros nas estantes.

Ao me formar, se é que alguém se forma, já que estamos em constante evolução, fiquei disponível para o mercado de trabalho “apenas” por quatro dias. Para quem estava com receio de não conseguir se colocar no mercado foi uma surpresa, até

porque o novo local de trabalho ficava a um quilômetro de minha residência.

Desde então estou no Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC), Unidade Sorocaba, há 14 anos como bibliotecária. Iniciei essa jornada profissional após 9 anos de experiência como auxiliar de biblioteca. Hoje totalizo 23 anos de experiência em bibliotecas dos mais diversos segmentos. Todo esse tempo me fez acompanhar a evolução do espaço físico da biblioteca, o que me leva a ter constantes indagações pessoais, mesmo que muitas delas não possam ser respondidas em uma pesquisa de mestrado. Qual deve ser o papel dos profissionais que atuam em bibliotecas já que a mediação de aprendizagem pode ocorrer em espaços alternativos, fora das salas de aula? Quais espaços são esses? Antes eram de silêncio! Hoje são espaços de lazer e entretenimento, promoção de ações culturais, eventos, *networking* e *coworking*, sendo considerados ambientes de convivência e troca de experiências pela comunidade local. Será que os bibliotecários e suas equipes estão preparados para as mudanças que já aconteceram e outras que ainda estão por vir? Como podem se preparar? Onde podem buscar informações e conhecimentos?

Todos esses questionamentos me trouxeram ao mestrado em Educação. Venho para suprir uma necessidade, a minha necessidade de conhecimento e pesquisa. Venho buscar respostas, mas talvez saia com outras perguntas que não teriam sido formuladas se eu não tivesse passado pela modalidade *strictu sensu*.

Dessa forma, esta pesquisa tem como foco o espaço físico da biblioteca em Instituições de Ensino Superior (IES) com ênfase em um recorte de universidades da cidade de Sorocaba-SP. A hipótese é que a biblioteca universitária dê significado ao aprendizado, tendo como principais funcionalidades ser um local de sociabilidade, convívio entre pessoas, acesso a computadores e internet, orientação bibliográfica, atividades culturais, orientação para normatização de trabalhos, empréstimo e reserva de livros, acesso a plataformas digitais, além de ser espaço de *coworking* e promoção de ações culturais.

Ademais, outra hipótese é que o profissional bibliotecário esteja em constante atualização para trabalhar em parceria com professores e alunos, participando, inclusive, dos momentos de planejamento, seleção de metodologias, programas de leituras anuais e suporte tecnológico para inserção dos alunos nos ambientes virtuais de aprendizagem. Sendo assim, tem-se a expectativa de que o bibliotecário busque constante aprimoramento profissional e integração com a equipe educacional, motivando a utilização do espaço da biblioteca como ambiente de aprendizagem e sociabilização.

O objetivo geral desta pesquisa é analisar o espaço físico da biblioteca universitária na perspectiva do novo paradigma da biblioteca física como espaço ativo de aprendizagem e suas funções multivariadas sob a perspectiva dos bibliotecários. Entende-se, aqui, a biblioteca universitária como parte do cotidiano escolar das IES.

Os objetivos específicos são: analisar se as bibliotecas estão se reinventando para engajar seus alunos, atualmente classificados como nativos digitais; identificar o engajamento dos bibliotecários no desenvolvimento de ações educacionais; analisar as percepções dos bibliotecários quanto ao potencial do espaço físico das bibliotecas universitárias em que atuam; e identificar quais são as tendências referentes aos espaços físicos das bibliotecas universitárias.

Para esta pesquisa foi realizada uma revisão narrativa. A revisão narrativa permite a interlocução entre as percepções da pesquisadora durante a utilização da análise e dos textos escolhidos (Santos; Meirelles, 2021).

Na sequência dessa introdução (que também contém o estado da questão), o segundo capítulo aborda o ensino superior desde o Período Jesuítico até o surgimento das universidades no Brasil, passando pela Reforma Universitária de 1968 e o Sistema de Ensino Superior no Brasil até os dias de hoje, com o avanço da Educação a Distância (EaD). Estudar a história do ensino superior se faz necessário nesta pesquisa, pois é importante conhecer a sua origem para adentrar no papel das bibliotecas universitárias.

No terceiro capítulo é abordada a história das bibliotecas da Antiguidade até a Idade Média, com a presença dos gabinetes de leitura e passando pela história das bibliotecas no Brasil até chegar à biblioteca universitária e sua obrigatoriedade no ensino superior, além da avaliação desse espaço como parâmetro para credenciamento e validação de cursos superiores. Chega-se também à inovação em bibliotecas universitárias, visto que esse espaço se tornou muito mais que um “espaço para guardar livros” e deve ser considerado uma plataforma comunitária. Com base nesse “novo modelo” de biblioteca, é necessário averiguar que profissional é esse, o bibliotecário, desde o início dos primeiros cursos de biblioteconomia até os dias atuais.

O quarto capítulo foi dedicado à metodologia da pesquisa. Para o levantamento de dados conceituais foram utilizados livros, dissertações e teses, além de artigos científicos para obtenção de informações relevantes sobre o tema. Antes de realizar a entrevista com os bibliotecários foi realizado um pré-teste para a aplicação do tópico-

guia. Feito isso, foram realizadas as entrevistas com os bibliotecários que atuam em universidades da cidade de Sorocaba.

O quinto capítulo foi dedicado aos resultados e discussões. Nele são trazidos trechos das entrevistas que tenham relação com autores utilizados na fundamentação teórica, com subcapítulos de acordo com o tópico-guia que remetem ao papel da biblioteca, espaço, inovação e tecnologia.

O sexto capítulo contém as considerações finais, sintetiza os principais achados da pesquisa e dá indicações para futuras investigações.

### 1.1 Estado da questão

Para realizar este estudo da questão, foram utilizadas na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) a expressão “biblioteca universitária” e a palavra “inovação”. Foram obtidos cerca de 40 resultados ao fazer a pesquisa dessa maneira.

Com base nesses resultados foi elaborado o Quadro 1, com cinco trabalhos que têm mais aderência ao tema desta pesquisa. O recorte foi realizado levando em consideração que esses trabalhos tratam o tema da inovação na perspectiva do “espaço físico da biblioteca” como um espaço colaborativo e de apoio às atividades de ensino, pesquisa e extensão. Para melhor ordenação, seguiu-se como base o ano de publicação da pesquisa (última coluna), do mais recente ao mais antigo.

**Quadro 1** – Teses e dissertações selecionadas da busca.

| <b>Título</b>  | <b>Autor</b>              | <b>Palavras-chave</b>   | <b>Universidade</b>                         | <b>Ano</b> |
|--|---------------------------|---|---|------------|
| A biblioteca no contexto da cultura maker: tendências e possibilidades em bibliotecas universitárias   | Viviane de Holanda Cabral | Cultura maker.<br>Biblioteconomia.<br>Mediação da informação.<br>Inovação.<br>Biblioteca Universitária. | Universidade Federal do Ceará(UFC)          | 2021       |
| Starteca: participação ativa da Biblioteca Universitária na constituição da Universidade Empreendedora | Camila Cassiavilani       | Universidade empreendedora.<br>Biblioteca Universitária.<br>Empreendedorismo.<br>Inovação.              | Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR) | 2020       |

|   |                         |   |   |      |
|---|-------------------------|---|---|------|
| Inovação pelo design thinking no contexto de unidades de informação: o caso da biblioteca Central da UFGD | Cibele Andrade Nogueira | Bibliotecas Universitárias. Inovação. Serviços de Informação. Design Thinking                                     | Universidade Estadual de Londrina (UEL)           | 2020 |
| A biblioteca e o bibliotecário em tempos de cibercultura: espaços e práticas                              | Shirlei Galarça Salort  | Biblioteca FAMED/HCPA. Bibliotecas universitárias. Sentidos. Prática bibliotecária. Bibliotecários. Cibercultura. | Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)  | 2017 |
| Diagnóstico situacional: inovação e inclusão para uma biblioteca universitária ativa                      | Kátia Rejane da Silva   | Bibliotecas universitárias. Comportamento informacional. Inovação. Usuários. Biblioteca ativa.                    | Universidade Federal do Rio Grande do Norte(UFRN) | 2019 |

Fonte: Rosa e Oliveira (2022).

Cabral (2021) discorre em sua dissertação, que desde a graduação, a preocupação de que as bibliotecas podiam ser mais que livros a nortearam. Ao participar como voluntária na implantação de uma biblioteca comunitária, percebeu que as pessoas necessitavam de informações sobre oferta de emprego, como fazer currículos, onde solicitar documentos, ou seja, a biblioteca era vista não apenas pelos seus livros, mas pelas informações que poderiam ser prestadas. Como bibliotecária em um colégio particular, descobriu o laboratório de robótica e seus efeitos na educação, pois houve mudança de postura nos alunos, que antes eram desmotivados e depois passaram a ser empolgados em fazer e aprender. Foi a partir daí que surgiram a curiosidade e motivação de pensar em um espaço criativo e fazer da biblioteca um espaço além do laboratório de robótica, que fosse como um ponto de encontro para o desenvolvimento dos próprios projetos, com liberdade para criar e partilhar recursos e conhecimentos. Surgiu, então, a vontade de conhecer mais sobre a cultura *maker*, que é considerada uma extensão do *Do-It-Yourself* (Faça você mesmo). Essa prática precisa de lugar, espaço de fabricação, liberdade, segurança, infraestrutura adequada e acesso a recursos e suportes de informação e ferramentas para pensar, produzir, criar, avaliar e compartilhar saberes, conhecimentos e práticas. De acordo com a *American Library Association* (ALA), historicamente as bibliotecas incluem em suas funções a criação, a preservação e a disseminação de conteúdo em suportes diferentes. Aprender

com os livros já não é a única maneira de adquirir conhecimento. As bibliotecas não devem ser somente estantes, e sim espaços criativos e colaborativos de aprendizagem e de criação do conhecimento. Entretanto a pesquisa aponta que ainda se esbarra no conservadorismo dos bibliotecários, atrelados às técnicas e à valorização do livro, não do indivíduo.

A pesquisa de Cassiavilani (2021) aborda que a globalização e os avanços das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) provocam transformações na sociedade. As universidades e as bibliotecas universitárias vivenciaram essas transformações buscando se adequar às novas realidades, pois são organizações que estão em constante mudança. O novo modelo de universidade tem o empreendedorismo e a inovação como premissas para o avanço e o desenvolvimento. As primeiras instituições de ensino superior, segundo a pesquisa, a serem consideradas empreendedoras foram o Massachusetts Institute of Technology (MIT), a Stanford University e a Harvard University. Com o passar dos anos, esse modelo se expandiu para os demais continentes. Audy (2011, p. 268) discorre que o modelo de universidade empreendedora aproxima a “universidade das demandas da sociedade onde está inserida e posiciona a academia como vetor do desenvolvimento econômico e social”. Os mecanismos de geração de empreendimentos inovadores são representados por espaços de *coworking*, *fab labs* e *living labs*, sendo os de *coworking* espaços de trabalho compartilhados e coletivos. Já os *fab labs* são laboratórios que possibilitam a prototipação para solução de um problema ou criação de um negócio. Os *livings labs* são locais de encontro, *networking*.

Nogueira (2020) realiza em sua dissertação uma pesquisa baseada em colaboração, empatia e experimentação, denominada *Design Thinking*, que tem sido utilizada por diversas bibliotecas pelo mundo. O *Design Thinking* é um modelo que se adequa conforme as condições orçamentárias, recursos humanos e técnicas. Isso o torna vantajoso no setor público por possuir uma cultura organizacional diferenciada no setor privado. O *Design Thinking* ganhou adeptos em setores da indústria, da educação e, em destaque, nas bibliotecas. Sua abordagem é realizada com base nas etapas inspiração (observação e entrevistas para gerar *insights*), ideação (geração de ideias sem censura com a realização de protótipos para validação) e iteração (absorver opiniões resultantes da validação para aprimorar e implementar). O estudo tem como questão norteadora a seguinte indagação: De que forma a Biblioteca Central da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) se beneficiará com a utilização do

Design Thinking? Esta pesquisa se justifica pela mudança que as bibliotecas vêm apresentando diante da perspectiva dos usuários, pois os nativos digitais que usam as bibliotecas universitárias enxergam a biblioteca como um local de cultura, lazer e entretenimento, não sendo mais vista “apenas” como um “espaço para livros” e sim para atender às necessidades da comunidade.

Salort (2017) analisa, em sua dissertação, os sentidos atribuídos pelos bibliotecários às suas práticas e ao espaço físico da biblioteca em que trabalham em tempos de cibercultura. O estudo teve como objetivo contribuir para a reflexão sobre as tendências para o futuro das bibliotecas universitárias e o futuro das práticas dos bibliotecários, visto que ainda há várias discussões sobre o fim das bibliotecas físicas a partir do aumento significativo das publicações digitais e on-line. Isso talvez aponte que o bibliotecário poderá contribuir ainda mais para a formação acadêmica desenvolvida na universidade. A pesquisadora que atua como bibliotecária há oito anos deparou-se com questões referentes à atividade biblioteconômica e à atuação do bibliotecário na academia, que despertaram a sua curiosidade e o desejo de refletir e investigar sobre como os bibliotecários percebem o espaço físico da biblioteca e suas práticas, principalmente bibliotecários que atuam em uma unidade acadêmica cujas finalidades são o ensino, a pesquisa e a extensão. Alguns estereótipos sobre o espaço físico da biblioteca e as práticas do bibliotecário podem influenciar o distanciamento desse profissional no processo educacional. Observam-se na pesquisa que as práticas de bibliotecários que atuam em bibliotecas universitárias ainda se apresentam muito voltadas à gestão de recursos (humanos e materiais). Sugere-se ao bibliotecário proatividade e desenvolvimento de habilidades comunicacionais, além de atuação como educador e facilitador, considerando que os bibliotecários necessitam de constantes atualização e capacitação, pois sua prática exige maior qualificação sempre em busca de “melhorar a imagem” da profissão e de estereótipos pejorativos relacionados a ela.

Silva (2019) apresenta, em sua dissertação, que ao longo do tempo a biblioteca vem cumprindo seu papel de acordo com as características e a cultura da sua época. Devido ao desenvolvimento tecnológico, a biblioteca universitária tem caminhado para uma nova tendência, com foco na participação ativa do usuário e na percepção do espaço físico da biblioteca como ativo e diversificado. Como tendência espera-se que desempenhe suas funções e objetivos voltados para as pessoas e suas necessidades, despertando assim prazer ao utilizar esses espaços, sendo essenciais no processo

de ensino e aprendizagem, além de serem regulamentos pelo Ministério da Educação (MEC). Esta temática se faz relevante, pois atua em conjunto com a universidade e propicia apoio ao ensino, à pesquisa e à extensão, que contribuem para o desenvolvimento da comunidade. Evidencia-se também que o produto final da referida pesquisa teve a intenção de servir como alicerce de inovação da biblioteca pesquisada, indicando sugestões de melhorias que podem ser replicadas, tais como retirada de estante de periódicos para desbaste e reorganização/distribuição do acervo, facilitando a circulação dos usuários, aumento de pontos de internet, aumento do número de computadores, além de pufes, tapetes, almofadas e poltronas. A biblioteca só será importante para a comunidade se conseguir se adaptar às exigências de seu público na perspectiva de redução de espaço físico voltado ao acervo e ao aumento de espaço para os usuários.

Ao realizar esse estado da questão, percebeu-se que o tema da inovação ou da ressignificação com o recorte em “espaço físico” na biblioteca universitária ainda é pouco explorado. Ou seja, há poucas dissertações e teses que tratam do assunto e, por isso, justifica-se esta pesquisa.

## 2 ENSINO SUPERIOR

Este capítulo discorre sobre o ensino superior desde o Período Jesuítico até os dias atuais. O referencial teórico foi embasado em autores da área da educação que realizam suas pesquisas focadas no ensino superior e sua história. A intenção dessa dissertação é conhecer a história do ensino superior de 1549 até os dias de hoje, sua expansão na modalidade a distância (EaD) e sua relação com a biblioteca universitária, objeto de estudo do próximo capítulo.

Um dos principais papéis reservados à educação consiste em dotar a humanidade da capacidade de dominar o seu próprio desenvolvimento. A educação ao longo de toda a vida é uma construção contínua do indivíduo, do seu saber e das suas aptidões, mas também da sua capacidade de discernir e agir (Delors, 2001).

A palavra universidade (*universitas*) não significava, inicialmente, um estabelecimento de ensino, mas designava qualquer assembleia corporativa, fosse de marceneiros, de curtidores ou de sapateiros. As universidades na Idade Média representaram um modelo novo e original de educação superior à época, que exerceu - e ainda exerce - importante papel no desenvolvimento da cultura (Aranha, 2006).

Infelizmente, nem todas as pessoas conseguem chegar a esse nível de ensino. Isso se deve a questões econômicas, culturais e sociais. Para compreender alguns pontos relevantes para o entendimento deste trabalho, os subcapítulos seguintes discorrerão sobre alguns períodos históricos e marcantes relativos ao ensino superior.

### 2.1 Período Jesuítico (1549-1759)

A ausência de uma universidade no Brasil Colônia determinou o seu aparecimento tardio, pois Portugal bloqueava o desenvolvimento do ensino superior. A Coroa portuguesa concedia bolsas para os brasileiros estudarem em Coimbra com a ressalva de que esses estudos não acontecessem no Brasil (Cunha, 2007a). Nesse contexto, a Companhia de Jesus foi oficializada em 1540 pela Igreja Católica, em uma época de conflitos religiosos, sendo o principal a Reforma Protestante.

A Companhia tentou dar uma resposta positiva, promovendo a defesa e a promoção da fé cristã, a propagação da fé nos territórios coloniais e a educação para a juventude (Ghiraldelli, 2006).

Quando o primeiro governador-geral, Tomé de Sousa, chegou ao Brasil em 1549, veio acompanhado por diversos jesuítas encabeçados por Manuel da Nóbrega. Apenas 15 dias depois, os missionários já faziam funcionar, na recém-fundada cidade de Salvador, uma escola de “ler e escrever” (Aranha, 2006, p. 140).

Começamos a conhecer o caminho da cultura depois do estabelecimento dos conventos jesuítas, franciscanos, beneditinos, das carmelitas e, principalmente, dos padres da Companhia de Jesus, que após sua chegada abrem colégios na Bahia e em outras capitânicas. Nessa fase, a instrução e os livros estão nos conventos (Moraes, 2006).

Como mencionado, o primeiro colégio jesuíta no Brasil, fundado pelos padres em 1549, na Bahia, contou com o apoio do governador-geral Tomé de Souza. Dentre os padres estavam Manuel da Nobrega, José de Anchieta e Antônio Viera, que faziam parte da Companhia de Jesus (Cunha, 2007a). Contudo havia uma intenção:

O raciocínio era simples: para os colonizadores seria mais fácil submeter o índio e tomar suas terras se aqui se apresentassem em nome de Deus, abençoados pela Igreja; para os jesuítas seria mais fácil converter à fé católica e catequizar os índios se contassem com a ajuda das armas portuguesas (Piletti, C.; Piletti, N., 2012, p. 69).

A estratégia na época era agir sobre as crianças. Para isso vieram de Lisboa meninos órfãos, e pretendia-se com eles atrair meninos indígenas para depois agir sobre seus pais, com ênfase nos caciques, a fim de converter toda a tribo para a fé católica (Saviani, 2013).

Os jesuítas traziam livros em quantidades insuficientes para suprir os colégios. Os padres da época copiavam cartilhas, e os jesuítas enriqueciam suas livrarias devido à responsabilidade que tinham nos seminários e colégios. As bibliotecas ficavam abertas para qualquer pessoa. Acredita-se que o mesmo acontecia com as livrarias de outras ordens. As bibliotecas jesuíticas tinham acervos de nível universitário, contendo o essencial para os estudos de humanidades e nível superior (Moraes, 2006).

A principal função era a conversão dos indígenas e a fundação dos colégios. Esses estabelecimentos seguiam normas do “*Ratio Studiorum*”, que previa um currículo dividido em dois graus, de forma que o *studio inferiora* correspondia ao ensino dos jovens e o *studio superiora* ao ensino universitário (Cunha, 2007a).

No ensino secundário, principalmente, as classes eram estruturadas a partir da competição entre os estudantes pelo melhor desempenho. O desafio, antiga prática pedagógica oriunda da Idade Média, era a maneira pela qual os estudantes se hierarquizavam: os melhores eram os oficiais, os outros, particulares (Cunha, 2007a, p. 8).

Essa hierarquização era julgada como altamente satisfatória em termos pedagógicos, pois desenvolvia o senso de responsabilidade, solidariedade, autoridade, disciplina, obediência e respeito (Cunha, 2007a).

O Período Jesuítico no Brasil tinha no total quatro graus de ensino: elementar (um ano), que consistia no ensino da leitura, escrita e contas, além do ensino da religião católica; humanidades (dois anos), que consistia em aprender gramática, retórica e humanidades (tudo em latim); artes (conhecido como ciências naturais ou filosofia), que durava três anos e se aprendia lógica, matemática, ética e metafísica, tendo Aristóteles como o principal autor a ser estudado. Aos formandos era conferido o grau de bacharel e de licenciado. Havia, ainda, o curso de teologia (quatro anos de duração), que conferia o grau de doutor (Cunha, 2007a). Os cursos aconteciam em colégios e seminários.

No século XVI, os 17 colégios jesuítas fundados no Brasil Colônia tinham cursos elementares; apenas oito tinham o curso de artes. Os cursos elementares eram organizados para crianças e jovens que não pertenciam à Companhia de Jesus, e algumas dessas crianças e jovens complementavam logo após a sua formação, cursos superiores de arte ou teologia (Cunha, 2007a).

Os colégios funcionavam seis dias por semana, cinco horas por dia, em dois expedientes. Em geral, havia duas horas de aula pela manhã, das 8 às 10 horas, seguidas de meia hora de discussão e dúvidas; o mesmo à tarde, das 15 às 17 horas, mais meia hora. Havia um período longo de férias anuais nos meses de dezembro e janeiro, além de períodos mais curtos, distribuídos ao longo do ano (Cunha, 2007a, p. 31).

Nas bibliotecas o horário também era muito restrito, pois levava-se em conta a frequência nesses espaços, que entre 1890 e 1930, era muito pequena. Havia bibliotecas que abriam somente uma vez por semana; ou aos domingos, no período da tarde; ou diariamente em horários intercalados, das 10h às 15h e/ou das 17h às 21h (Gomes, 1983).

Nos colégios, os padrões disciplinares tiveram aplicações militares, pois os

alunos tinham o privilégio de não serem presos por soldados, porém foi permitido que eles participassem da defesa da Colônia contra os holandeses e franceses (Cunha, 2007a).

Apesar de os estudos do Colégio da Bahia serem idênticos aos de Portugal, não tinham o mesmo “valor”. Desse modo, os graduados em artes por Évora podiam ingressar diretamente nos cursos de medicina, cânones e teologia da Universidade de Coimbra, o que não ocorria com os formados no Brasil. O Colégio da Bahia foi modelo até a expulsão dos jesuítas, em 1759, com inovações como a faculdade de matemática no século XVIII (Cunha, 2007a).

Em 1554, já existiam outros colégios em funcionamento, como na Vila de São Paulo de Piratininga. Em 1637, o Colégio de Olinda iniciou os cursos superiores. Em 1638, o Colégio do Rio de Janeiro, no Morro do Castelo, começou a ofertar o curso de filosofia. Em Santos, desde 1653, funcionavam os colégios jesuítas. Em 1688, o Colégio do Maranhão passou a oferecer cursos de teologia. Em 1695, o Colégio do Pará iniciou o curso de artes. Em 1750 foi inaugurado, em Mariana, o último curso superior criado pelos jesuítas. Já em 1759, os jesuítas foram expulsos do Brasil (Cunha, 2007a).

As bibliotecas sofrem um golpe terrível com a expulsão da Companhia de Jesus. Todos os seus bens foram confiscados, inclusive as bibliotecas. Livros retirados dos colégios ficaram amontoados em lugares impróprios, durante anos, enquanto se procedia ao inventário dos bens dos inacianos (Moraes, 2006, p. 10).

Nesse período de 210 anos, os jesuítas promoveram a catequese dos indígenas, a educação dos filhos dos colonos e a formação de sacerdotes, além da elite intelectual. Aranha (2006) destaca a complexidade desse período, uma vez que os indígenas tinham uma língua e costumes desconhecidos dos colonizadores portugueses, que eram rudes e aventureiros.

Como mencionado, os jesuítas ficaram no Brasil até 1759. O ano marca a expulsão deles de todos os territórios então portugueses - incluindo o Brasil - por Marquês de Pombal, inaugurando o Período Pombalino. Embora possa ser tomado com um período de transição, as reformas dessa época abriram espaço para a circulação das ideias pedagógicas mais voltadas ao laicismo (Oliveira; Ribeiro, 2020).

Segundo Cunha (2007b), um dos poucos pontos desse período que merece destaque no que tange ao ensino superior, é uma iniciativa isolada. Em 1776, por meio

de autorização apoiada em um instrumento chamado alvará régio, os frades franciscanos criaram um curso superior no Convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro. Era uma organização similar a uma faculdade, organizada seguindo os princípios da Universidade de Coimbra, em Portugal.

## **2.2 Ensino Superior no Brasil (1808 a 1964)**

O Período Pombalino se findou com a vinda da família real portuguesa para o Brasil, em 1808, e a posterior Independência, em 1822. Foi quando o governo passou a se preocupar com a formação das elites dirigentes do país (Piletti, C.; Piletti, N., 2012).

A inexistência de uma universidade, apesar do funcionamento do ensino superior desde o início do século XIX, colocava o Brasil numa situação de inferioridade em relação aos outros países sul-americanos. A intelectualidade brasileira não se conformava com o fato de o Brasil, ao lado do Paraguai, serem os únicos países da América do Sul que ainda não contavam com uma universidade, sendo que o Peru, por exemplo, já no século XVI havia organizado tal instituição de ensino superior (Piletti, C.; Piletti, N., 2012, p. 179).

Deve-se analisar o papel que o ensino superior teve na independência do Brasil. Ao que tudo indica, há um consenso de que se não formaram os proclamadores da independência, formaram-se, pelo menos, os precursores (Cunha, 2007a).

As escolas fundadas por Dom João, em 1827, somaram-se aos cursos de ciências jurídicas e sociais. Piletti, C.; Piletti, N. (2012) destacam que as primeiras faculdades de direito no Brasil foram instaladas no Convento de São Francisco (São Paulo) e no Mosteiro de São Bento (Olinda, PE).

Os primeiros estabelecimentos provinciais públicos foram o Ateneu, no Rio Grande do Norte, e os Liceus, na Bahia e na Paraíba. No município da Corte, o Seminário de São Joaquim foi transformado em ensinosecundário com o nome de Colégio Pedro II. Esse colégio era exclusivo para meninos e passou a receber meninas após 88 anos de sua fundação. O Colégio Pedro II foi a primeira tentativa de organizar o ensino secundário no país (Piletti, C.; Piletti, N., 2012).

Os estatutos das faculdades continham vários dispositivos destinados a reger o provimento dos cargos de diretor, professor e bedel, o funcionamento didático e as penalidades aplicáveis aos estudantes infratores das normas (Cunha, 2007a, p. 108).

O período de 1889 a 1930 é chamado de República Velha. Durante esse

período surgiram escolas superiores livres que não dependiam do Estado, bem como os primeiros estabelecimentos de ensino superior no Brasil denominados universidades. São os casos, por exemplo, do Rio de Janeiro, em 1920, e de Minas Gerais, em 1927 (Cunha, 2007a).

A Universidade de São Paulo - que não é a que atualmente denomina-se assim, mas uma instituição privada criada anteriormente e de vida curta - foi fundada em 19 de novembro de 1911, com sessão solene em 23 de março de 1912. Na época, 300 candidatos prestaram exame. Em 1915, a universidade chegou a ter 700 alunos. Já em 19 de dezembro de 1912, realizou-se a sessão solene para a instalação da Universidade do Paraná (Cunha, 2007a).

As transformações do ensino superior foram marcadas pela facilitação do acesso, resultando em mudanças nas condições de admissão que antes estavam condicionadas à aprovação em exames preparatórios e, conseqüentemente, em um aumento do número das vagas nas instituições de ensino superior. Porém, apesar da crescente facilitação do acesso, à medida que os números cresciam, via-se muita resistência a todo esse processo de transformação (Cunha, 2007a).

O ensino superior passou por importantes modificações a partir de 1930, especialmente a partir da promulgação do Estatuto das Universidades Brasileiras, Decreto nº 19.851, de 14 de abril de 1931 (Piletti, C.; Piletti, N., 2012).

Em 1935, já em rápida ascensão, a curva de medidas repressivas preparadas pelo Estado Novo foi idealizada por Anísio Teixeira, e em abril do mesmo ano a Universidade do Distrito Federal - que, à época, era o Rio de Janeiro - foi criada por decreto de Pedro Ernesto (Cunha, 2007a, p. 247). Assim, em 1945, eram cinco universidades no Brasil e 293 estabelecimentos isolados, com o total de 27.253 estudantes (Cunha, 2007b).

Em 1954 já havia 16 universidades. Dessas, cinco eram mantidas por instituições confessionais (quatro católicas e uma protestante) e 11 pelo Estado. De 1955 a 1964 foram criadas 22 universidades. Dessas, cinco eram mantidas por instituições católicas e as demais pelo Estado (Cunha, 2007a).

### 2.3 Reforma Universitária de 1968 – Lei nº 5.540/68

A Lei nº 5.540/68 introduziu modificações na Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1961. O Grupo de Trabalho da Reforma Universitária (GTRU), formado por pessoas designadas pelo presidente general Costa, definiu as diretrizes (Aranha, 2006).

O projeto da reforma nasceu e se desenvolveu no meio estudantil. Foi somente nos fins da República Populista que alguns professores engrossaram o movimento. O projeto sugeria a adoção de múltiplos planos curriculares, seleção de professores por concursos, maior peso às provas, verificação de capacidade científica e didática dos professores, obrigatoriedade de provas de livre-docência, aproveitamento dos estudantes mais capazes para estágios, teses nos exames finais e método experimental jurídico, além de cursos de pós-graduação (Cunha, 2007b).

Os estudantes reclamavam do número de vagas nas escolas superiores públicas, o que resultou na duplicação do número delas na Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em março de 1964.

As vagas eram limitadas, e muitos estudantes, apesar de aprovados no vestibular, não entravam na universidade por falta delas. Eles eram chamados de excedentes e promoviam passeatas para reivindicá-las. O governo militar, em vez de aumentar o número de vagas nas universidades públicas, promoveu a reforma universitária por meio da Lei nº 5.540/68, de 28/11/1968 (Piletti, C.; Piletti, N., 2012).

A reforma extinguiu a cátedra (cargo de professor universitário, titular em determinada disciplina), unificou o vestibular e aglutinou as faculdades em universidades para a melhor concentração de recursos materiais e humanos, tendo em vista maior eficácia e produtividade. Instituiu também o curso básico nas faculdades para suprir as deficiências do 2º grau e, no ciclo profissional, estabeleceu curso de curta e longa duração. Desenvolveu ainda um programa de pós-graduação (Aranha, 2006, p. 317).

O ensino superior nessa época era visto como um entrave, pois não formava os profissionais exigidos e as universidades não assumiam a liderança que lhes era de direito. As universidades e escolas isoladas não tinham autonomia, ficando a critério do governo a escolha de reitores e diretores. Havia também professores antidemocráticos em função de seus privilégios, como a vitaliciedade da cátedra, resultando em uma verdadeira luta de classes entre alunos e professores. Grande parte dos estudantes era oriunda de classes mais favorecidas, em geral com a

mentalidade individualista, com a intenção de utilizar os estudos apenas para realização pessoal, desconsiderando o bem comum. Sendo assim, a universidade, que deveria ser um patrimônio do povo, era entendida como a instituição formadora de profissionais para as necessidades do meio e núcleo esclarecedores. A reforma universitária era necessária para neutralizar o poder das cúpulas dirigentes da universidade (Cunha, 2007b).

O primeiro passo da reforma foi a conquista da autonomia das universidades diante do governo. Dessa forma, elas se transformaram em autarquias ou fundações com liberdade para elaborar orçamentos, receber recursos sem destinação específica e eleger direções, ficando a cargo do governo a nomeação e a alteração dos estatutos, com liberdade para criar ou suprimir matérias e modificar currículos e programas, possibilitando o experimento de novos métodos de ensino, além da oportunidade de modificar o sistema de ingresso e aprovação (Cunha, 2007b).

A extinção de exames vestibulares e a condenação da autonomia universitária, naquelas circunstâncias, eram pontos defendidos por Álvaro Vieira Pinto, diretor do Iseb e professor catedrático da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil (Cunha, 2007a, p.185).

Vieira Pinto assinalava a existência de dois movimentos para a reforma. O primeiro era acionado pelos estudantes sem condições financeiras, para quem a universidade deveria ser posta a serviço; o segundo visava manter no controle das universidades as classes dominantes, e era uma reação ao primeiro movimento. Nessa época, Vieira Pinto tecia críticas à categoria dos docentes, da qual ele mesmo fazia parte, pois a proclamação populista levava-o a pensar e a afirmar que a verdade estava com a massa estudantil, pois as massas não erram nem se corrompem. Ele tecia críticas às tentativas de reforma, como a que orientou a criação da Universidade de Brasília (UnB):

A colocação correta da questão deveria partir da pergunta: “para quem” é preciso reformar a universidade? Só depois que ela tivesse respondida seria possível perguntar, então, “que universidade” é preciso instituir? (Cunha, 2007b, p.188).

A primeira pergunta “para quem” era respondida da seguinte forma: visava ao interesse das massas que eram predominantemente analfabetas. Dessa forma, a universidade, para ser autêntica, deveria assentar sobre o estado de inculturadas

massas como condição para tirá-las desse estado. A primeira diretriz era o abandono da reivindicação da autonomia universitária que seria nociva aos interesses do povo. As outras diretrizes eram a reivindicação do co-governo na suspensão da trincheira do vestibular, com a admissão de todos os candidatos com ensino médio completo; a extinção do regime de cátedras; o entrosamento dos cursos superiores, ligando o ensino ao trabalho (Cunha, 2007b).

Uma posição defendia o papel predominantemente político da reforma universitária, subornando-a às necessidades da revolução brasileira como seu primeiro passo concreto (Cunha, 2007b, p. 192).

Diante disso, seria necessário denunciar a teoria burguesa da reforma universitária, que conseguiu cativar estudantes sérios, mas desavisados. Essa teoria condenava o beletismo para substituí-lo pelo tecnicismo pragmático, dando prioridade às instalações das Escolas de Engenharia. Sendo assim, a universidade reformada deveria se transformar na vanguarda da revolução brasileira, não sendo discriminatória e sim democrática. O conteúdo da universidade deveria ser mudado em substituição à cultura vigente, alienada, de minoria dominadora, desenvolvendo-se uma consciência nacional e popular da realidade brasileira e criando uma cultura com o povo e não para o povo, dando-lhe perspectiva política (Cunha, 2007b).

Essas orientações, apesar de serem articuladas nos documentos estudantis, enfraqueciam a reforma universitária. Foram tantos pareceres, resoluções e indicações, que cinco anos depois não fazia sentido um simples resumo. Sendo assim, foi necessária uma consolidação de todo esse material jurídico - que foi feito com a Lei da Reforma Universitária em novembro de 1968 -, que veio tornar imperativo o que era sugerido ou permitido com a extinção do regime de cátedras, obrigatoriedade departamental, cursos semestrais e outros pontos que definiram as bases do ensino superior (Cunha, 2007b).

A reforma universitária nunca foi aceita pelos setores não conservadores, e em momento algum empolgou a comunidade acadêmica simpática à inovação do governo ditatorial, se tornando um polo de resistência que se transformou em uma ação audaciosa, quando várias faculdades foram ocupadas pelos alunos – ainda que por pouco tempo. Quando o projeto da reforma chegou ao Congresso, a oposição consentida estava impotente (Ghiraldelli, 2006).

Apesar do desempenho do deputado Mário Covas, líder do MDB na Câmara dos Deputados, no sentido de tentar denunciar que a reforma estava sendo “enfiada a goela abaixo do Parlamento”, o projeto acabou passando não só com a aprovação dos situacionistas (maioria) como também da minoria emedebista que, nesse episódio, funcionou de fato como oposição consentida do regime (Ghiraldelli, 2006, p. 116).

A Lei nº 5.540/68 departamentalizou a matrícula por disciplina. Adotou o vestibular unificado e classificatório, eliminando os excedentes. É preciso lembrar que a reforma nunca foi aceita pelos progressistas (Ghiraldelli, 2000).

## **2.4 Sistema de Ensino Superior no Brasil – De 1970 aos dias de hoje**

Tentou-se equacionar o problema de acesso ao ensino superior no período militar com o incentivo à privatização do ensino, o que de fato não aconteceu, até porque ainda hoje são necessárias políticas de cotas e outras iniciativas na tentativa de suprir a dificuldade de acesso às pessoas. O governo da época colaborou com a abertura de cursos de idoneidade duvidosa, provocando e promovendo alterações na qualidade do ensino e na vida universitária (Ghiraldelli, 2000).

O sistema de ensino superior no Brasil é produto de uma história pós-colonial. Nas décadas de 70 e 80, as matrículas no ensino superior atingiam de 5% a 12%. A definitiva implantação da pós-graduação, com cursos de mestrado e doutorado, recebeu apoio a partir da década de 70 (Aranha, 2006).

Além do vestibular, no final dos anos 90, o Brasil introduziu um programa de exame de final de ano para as universidades. Nessa época, o presidente Fernando Henrique Cardoso temia que as universidades fossem de baixa qualidade. A intenção desse exame era informar a população sobre a classificação dos cursos com base na avaliação dos estudantes e não somente no monitoramento dos programas (Aranha, 2006).

Para avaliar a qualidade dos programas, o governo federal criou um exame nacional obrigatório, chamado Provão. No início dos anos 2000, o Provão foi substituído pelo Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE):

Os esforços [...] do Estado em relação ao ensino superior destinam-se mais a aumentar o acesso do que melhorar a qualidade – uma questão extremamente controversa em termos políticos, em um país onde quase três quartos dos novos estudantes do ensino superior têm de

pagar mensalidades (Carnoy, 2016, p. 209).

Em 2005, o governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva instituiu o programa de bolsas chamado Universidade Para Todos (ProUni). Nesse programa, as universidades aceitam afrodescentes e estudantes de baixa renda em troca de incentivos fiscais (Carnoy, 2016).

Assim, o governo federal, na tentativa de sanar a distorção que dificultava o acesso ao ensino superior pelos menos favorecidos, criou o ProUni com a oferta de bolsas de estudo em escolas superiores particulares a jovens que estudaram em escola pública (Piletti, C., Piletti, N., 2012).

Em 2008, uma nova lei foi aprovada, reservando 50% das novas vagas nas 50 instituições federais brasileiras para negros, mestiços e indígenas oriundos de escola pública (Carnoy, 2016). Em agosto de 2011, o Senado Federal aprovou uma legislação que exige que toda universidade federal admita cotas para negros e indígenas vindos de escola pública. Além da criação do programa para subsidiar instituições para que aceitem as minorias que não podiam pagar pelo ensino superior (Carnoy, 2016).

Ações como essas fazem sentido na realidade nacional. O Brasil tem, na faixa etária correspondente, apenas 9% de sua juventude no terceiro grau, contra 40% na Argentina e 80% no Canadá (Marcovitch, 2006, p. 65). E esse terceiro grau pode ser ofertado por alguns tipos diferentes de instituição.

Existem alguns tipos de caracterizações de instituições de ensino superior no Brasil e estão definidas em lei (Decreto nº 3.860 de 9 de julho de 2001) (Steiner, 2006).

No Brasil, o ensino superior é composto de universidades, faculdades, centros universitários e de um pequeno número de outros tipos de instituições (Carnoy, 2016).

- Universidades - Caracterizam-se pela indissociabilidade das atividades de ensino, pesquisa e extensão.
- Centros universitários - Instituições de ensino superior que se caracterizam pela excelência do ensino oferecido. Têm autonomia para criar, organizar e extinguir, em sua sede, cursos e programas de educação superior.
- Faculdades - As instituições são credenciadas originalmente como faculdades. O credenciamento como universidade ou centro universitário depende do credenciamento específico e do padrão de qualidade.

Convém lembrar que a universidade possui, um caráter universal ou pelo menos internacional, que transcende as barreiras locais e nacionais (Durham, 2006).

A história da educação superior no Brasil está intrinsecamente ligada às demandas de um país em desenvolvimento que enfrenta inúmeras dificuldades, como a desigualdade, a exclusão social e a dependência de países desenvolvidos nos setores tecnológico e financeiro (Santana, 2007. p. 75).

Sendo assim, as universidades devem constantemente repensar sua atuação para além do ensino e da pesquisa, com uma terceira missão que é a contribuição para o desenvolvimento econômico e social do país. São atribuições que não nasceram com a universidade, mas foram incorporadas com o passar do tempo. Formam-se, assim, os três pilares que sustentam a universidade, “Ensino - Pesquisa - Extensão” (Cassiavilani, 2020).

Nesse contexto, o ensino e a extensão se preocupam com os problemas da sociedade, mas carecem da pesquisa, que é a responsável pela produção do conhecimento científico. Enfim, quando extensão e pesquisa excluem o ensino, perde-se a dimensão que dá sentido à universidade (Moita; Andrade, 2009).

Com os três pilares “Ensino - Pesquisa - Extensão”, a universidade passa a ter um compromisso social e uma participação mais próxima das necessidades da comunidade, ou seja, das demandas locais e regionais (Cassiavilani, 2020, p. 34).

É importante que o aluno aprenda a refletir e a participar criticamente da sociedade não só para desenvolver uma capacidade de compreender o mundo em que vive, mas para usufruir de seus direitos (Carvalho, 2007, p. 34).

Antes da pesquisa obrigatória, a escola se fundamentava em uma oralidade pré-gutenbergiana. Depois disso passou a ter um enciclopedismo mal copiado, identificado como “pesquisa” (Milanesi, 1983).

Os professores encarregados de dimensionar a pesquisa como prática elementar do processo educativo, de um modo geral não conseguiram concretizar o objetivo em função de um fato elementar: eles próprios nunca fizeram pesquisa (Milanesi, 1983, p. 44).

Deve-se levar em conta que nenhum empreendimento se sustenta sobre uma escola frágil. A escola brasileira, por vezes, tem a aparência de uma pirâmide invertida faltando a base, que é o que desenvolve o interesse pela informação (Milanesi, 1983).

## 2.5 Educação a Distância (EaD) no Ensino Superior

A origem da Educação a Distância tem seu primeiro registro no século XVII, nos Estados Unidos, porém há estudos que consideram mensagens e textos bíblicos como primeiros textos da EaD. Pelo mundo, a EaD teve suas origens por meio da troca de correspondências e materiais impressos. Essa modalidade de ensino se ampliou conforme o reconhecimento da mesma como ferramenta de acesso e democratização do ensino. Em torno de 1800, a EaD passa a existir de forma institucionalizada (Cerigatto, 2018).

No Brasil, antes de 1900, já existia a EaD. Essa constatação vem a partir de recortes de jornais da época, que traziam anúncios de cursos profissionalizantes, como os de datilografia por correspondência (Oliveira, 2019).

Os primeiros cursos à distância, realizados por instituições privadas como o Instituto Universal Brasileiro, tinham o objetivo de atender emergencialmente as pessoas que não puderam frequentar a escola na idade adequada (Educação de Jovens e Adultos). Eles eram feitos por correspondência e foram se aprimorando ao longo do tempo (Matuda, 2009, p. 66).

Nos primórdios, o rádio contribuiu para o reconhecimento e a disseminação dessa modalidade. O governo federal utilizava o rádio para transmitir programas educativos com foco na alfabetização de jovens e adultos (Cerigatto, 2018).

A Igreja Católica, por meio da diocese de Natal, no Rio Grande do Norte, criou em 1959 algumas escolas radiofônicas, dando origem ao Movimento de Educação de Base. No sul do país, destaque para a Fundação Padre Landell de Moura, no Rio Grande do Sul, com cursos via rádio (Alves, 2009, p. 9).

Nas décadas de 1960 e 1970, existiram diversos fomentos para uso educacional da televisão. Os resultados não foram satisfatórios, com exceção do Telecurso da Fundação Roberto Marinho, que tinha baixa audiência quando comparado com as redes comerciais (Oliveira, 2019). Ficaram no ar até 2014, após 36 anos de trajetória e alcançando 7 milhões de estudantes e 40 mil professores (Cerigatto, 2018).

Nos anos de 1980, evidencia-se a solução de problema de acesso com o desenvolvimento acelerado das tecnologias de informação, passando por enorme

expansão, popularização e barateamento (Moraes, 2010). Com o avanço das tecnologias, em especial da internet, a EaD se consolidou e cresceu dentro das universidades brasileiras. A diminuição de preço para compra de computadores com acesso à internet foi fator decisivo para a ampliação da modalidade (Cerigatto, 2018).

Duas universidades foram pioneiras na modalidade a distância: a Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), que foi a primeira, efetivamente, a implantar cursos de graduação a distância; e a Universidade Federal do Pará (UFPA), que foi a instituição que recebeu o primeiro parecer oficial de credenciamento pelo Conselho Nacional de Educação, em 1998. Ainda merece destaque a criação da Universidade Aberta do Brasil (UAB) (Cerigatto, 2018, p. 18).

Uma das principais políticas públicas para a EaD é a Universidade Aberta do Brasil (UAB), que foi instituída em 8 de junho de 2006, visando o desenvolvimento da modalidade por meio de polos presenciais, incluindo regiões não metropolitanas, contribuindo, desse modo, com o desenvolvimento de municípios com baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) e baixo Índice de Desenvolvimento de Educação Básica (IDEB), atuando para a universalização do acesso ao ensino superior (Cerigatto, 2018).

A UAB rapidamente tornou-se um robusto programa de formação com a parceria do MEC, de instituições de Ensino Superior (IES) e governos locais (municípios e estados mantenedores de polos de apoio presencial). Embora a UAB tenha adquirido uma rápida visibilidade, muitos aspectos desse sistema de formação ainda carecem de compreensão, sejam positivos ou negativos. Como política pública de formação de professores da educação básica, representa uma iniciativa de valor social, pois chegou a oferecer 656 cursos voltados para a formação de professores da educação básica (Mill, 2012).

A EaD ao longo da história sofreu grandes preconceitos, que vez ou outra reacende o debate sobre a modalidade. Tem-se como diretriz que as instituições que desejam ofertar a EaD para serem credenciadas tenham equipes qualificadas, infraestrutura física e tecnológica, acessibilidade, além de acervo físico ou digital, sendo a biblioteca virtual universitária uma das primeiras iniciativas a atender tal necessidade (Cerigatto, 2018).

Em alguns modelos existentes, é essencial a composição de uma rede de polos presenciais ou centros associados em que os estudantes dispõem de biblioteca, locais de reunião e estudo, cibercafés e tutorias ocasionais (Moraes, 2010, p. 19).

De acordo com Moran (2002), a EaD pode ou não ter momentos presenciais, mas acontece com professores e alunos separados fisicamente no espaço/tempo conectados pelas tecnologias. Ainda segundo o autor, apesar de a EaD estar presente no ensino superior, ela pode ser realizada no ensino regular, sendo mais adequada na educação de adultos que já tenham experiência com aprendizagem individual e pesquisa.

Os dados do Censo EAD.BR têm revelado um cenário promissor em que os cursos de EaD crescem em números mais expressivos do que os cursos presenciais. O Censo mostra, em sua última edição, que o número de cursos que vêm sendo ofertados na modalidade a distância e as instituições que trabalham com essa modalidade de ensino cresce de modo vertiginoso, ano após ano, em paralelo à evolução das TICs, e a tendência é de que aumente ainda mais (Silva; Spanhol, 2014, p. 32).

A partir dos anos 2000, com o avanço da internet em ambientes domésticos e escolares, começam a surgir regras a fim de garantir a qualidade do ensino nessa modalidade. Com o decorrer da expansão, as universidades particulares ganham força, sendo o número de matrículas maior que nas universidades públicas. Com o Plano Nacional de Educação, que incentiva o aumento de matrículas na educação superior, surge uma legislação com critérios flexíveis para a EaD (Cerigatto, 2018).

A EaD assume, assim, um caráter social, ampliando as possibilidades de comunicação a distância com o desenvolvimento das TICs e a ampliação dos meios de comunicação e interação, contribuindo de forma significativa para esse avanço (Sena, 2014).

### 3 BIBLIOTECAS - DE ALEXANDRIA À BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA

Este capítulo discorre sobre a história das bibliotecas desde a biblioteca de Alexandria. Foi realizado um recorte histórico da Antiguidade até a Idade Média, passando pela biblioteca universitária, pela inovação nas bibliotecas universitárias e pelo papel do bibliotecário frente às mudanças que ocorreram e outras que estão por acontecer, além do papel das bibliotecas no contexto do ensino superior. O referencial teórico foi embasado em autores da área de biblioteconomia que realizam as suas pesquisas com foco nessa temática.

O termo “biblioteca” surgiu da união de duas palavras gregas - *biblio* e *têke* – que têm o significado de conjunto de “prateleira ou depósito para guardar livros, escritos, rolos de papiros e de pergaminho arrumados em estantes” (Schwarcz, 2002, p. 123).

A palavra “biblioteca”, na maioria das línguas indo-europeias, é ambígua: pode referir-se tanto a coleções de livros quanto ao lugar que os abriga (Campbell; Pryce, 2015, p. 19).

Segundo Gomes (1983), o conceito de biblioteca está estreitamente relacionado ao de cultura, como toda manifestação intelectual de uma sociedade.

As instituições como a família, a religião, a educação, o governo, etc., geram suas respectivas agências, a elas subordinadas, que são o lar, a igreja, a escola, as repartições. A biblioteca, de acordo com essa perspectiva, situa-se como uma agência social, criada para atender às necessidades da instituição à qual irá servir (Gomes, 1983, p. 5).

Devido ao número cada vez mais crescente de informações e à ampla variedade de suportes, tornou-se muito difícil registrar, armazenar e controlar essas informações. Supõe-se que foi por meio dessas necessidades que começaram a surgir as primeiras bibliotecas.

#### 3.1 História das Bibliotecas – Da Antiguidade à Idade Média

As bibliotecas nasceram na Antiguidade devido à necessidade de guardar e preservar registros feitos pela humanidade. Nessa fase da história, usavam-se placas de argila, rolos de papiro e pergaminhos para realizar os registros (Silva, 2019).

Entre as bibliotecas da antiguidade, a mais considerável foi, sem dúvida, a

biblioteca do Egito (Martins, 1998).

As bibliotecas da Antiguidade ficavam em locais de difícil acesso, sendo consideradas um “depósito de livros”. A mais famosa era a biblioteca de Alexandria, que foi muito mais que uma “simples biblioteca”, foi naquela época um centro de pesquisas com laboratórios, jardins e meio milhão de livros. Por seis décadas, estudiosos eram convidados a estudar em Alexandria, onde podiam viver, aprender e trabalhar com os visitantes (Cabral, 2021).

A título de curiosidade, registremos que Albert Cim desmente a tradição segundo a qual a biblioteca de Alexandria teria sido incendiada por ordem de Omar. Parece tratar-se, no caso, de uma amabilidade inventada por cristãos contra os muçulmanos, para lhes atribuir a responsabilidade de um crime por eles mesmos cometido (Martins, 1998, p. 76).

A história do que realmente levou à destruição total da biblioteca de Alexandria é conflituosa, por isso o assunto permanece controverso. O mais importante talvez tenha sido não o modo como a biblioteca de Alexandria foi destruída, mas sim como ela existiu (Cabral, 2021, p. 48).

A biblioteca de Pérgamo desapareceu assim como a biblioteca de Alexandria. Nessa época existiam bibliotecas judaicas em cada sinagoga. Na Grécia foi estabelecida por Pisístrato (560-527 a.C) a primeira biblioteca com caráter de biblioteca pública. A mais célebre de todas foi a Ulpiana, fundada por Trajano, e que com a Palatina eram consideradas as mais importantes das 28 bibliotecas públicas de Roma. Nelas já havia o serviço de empréstimo (Martins, 1998).

Já na Idade Média, cada um tinha a sua obrigação nos mosteiros. O monge “armarius” era responsável por zelar, supervisionar, repartir e controlar todo o trabalho para que a cópia fosse fiel. Já os outros monges exerciam o papel de bibliotecários, controlando o uso dos livros, que eram vistos como uma tática cultural para a manutenção e preservação do caráter e marcas culturais. Os artesãos criavam as peças artísticas, os bispos eram responsáveis por criar mentes voltadas à igreja e os bibliotecários eram responsáveis por guardar e protegeros livros (Cabral, 2021).

[...] as abadias foram o repositório literário que servia a uma parte do segmento letrado. A obra literária era cara e só os mosteiros (que as produziam) e os homens que detinham o poder davam-se ao luxo de possuir um livro (Milanesi, 1983, p. 20).

Nessa época, os mosteiros e os conventos definiam-se como bibliotecas inclusive pela sua arquitetura, pois muitos dos seus armários eram embutidos nas paredes. O pensamento predominante era favorável à existência das bibliotecas monásticas. Entre as mais célebres bibliotecas conventuais da Idade Média, citam-se as do Monte Atos, na Turquia, bem como as que nasceram no Ocidente por influência de Cassiodoro (Martins, 1998).

As bibliotecas possuíam acervos fechados, que eram destinados apenas a uma minoria que frequentava os mosteiros e as ordens religiosas (Silveira, 2014). Por toda a Idade Média, o conhecimento era um privilégio dos eruditos, reclusos nos castelos e nos mosteiros, que eram vigiados e controlados pelos monges (Sena, 2014).

Até a Renascença, as bibliotecas não estavam disponíveis aos profanos, sendo consideradas organismos sagrados, às quais tinham, acesso somente as pessoas que faziam parte de uma certa ordem religiosa ou sagrada. Foi assim até o final da Idade Média, sendo considerada um depósito de livros. As bibliotecas dessa época ficavam localizadas no interior dos conventos e o seu surgimento aconteceu antes dos livros e dos manuscritos (Martins, 1998).

A partir de 1470 (Idade Média), começam a aparecer os livros menores, com folhas dobradas, e as primeiras margens nas bibliotecas medievais que podem ser consideradas um prolongamento das bibliotecas antigas. Sendo assim, a Idade Média conheceu três tipos de bibliotecas: as bibliotecas monaicas, as bibliotecas das universidades e as bibliotecas particulares (Martins, 1998).

Ao analisar o histórico da evolução das bibliotecas, pode-se perceber que elas passaram de um caráter de laicização, democratização, especialização e socialização, disponibilizando acervos e espaços, conforme o Quadro 2.

Quadro 2 - Evolução das Bibliotecas

| <b>ESTÁGIO</b> | <b>PERÍODO</b> | <b>CARACTERIZAÇÃO</b>   |
|----------------|----------------|---|
| Laicização     | Idade Média    | Caráter religioso;<br>Acesso restrito;<br>Livro era objeto sagrado e secreto. |
| Democratização | Idade Moderna  | Progresso da biblioteca;<br>Acesso livre à informação.                        |

|                |                   |   |
|----------------|-------------------|---|
| Especialização | Idade Moderna     | Necessidade de informação especializada;<br>Público mais exigente.  |
| Socialização   | Contemporaneidade | Característica da biblioteca moderna;<br>Foco no usuário e no acesso à informação;<br>Busca constante em atender às necessidades da comunidade. |

Fonte: Silva (2022, p. 18)

Na caminhada por uma cultura livreira, capaz de ampliar o acesso ao livro, e que ajudasse no desenvolvimento cultural e educacional do país, surgiram as bibliotecas, gabinetes de leitura, clubes, dentre outros espaços similares (Paiva, 2016, p. 72).

Na época do Renascimento, começam a surgir na Europa coleções particulares que eram organizadas em peças de mobiliário na casa de burgueses que tinham interesse pelo assunto, por isso o nome “gabinete de curiosidades”, que no século XVIII passou a se chamar “gabinete científico” (Profeta, 2023).

Para os livros existiam os gabinetes de leitura, *cabinets de lecture*, estabelecimentos onde os leitores alugavam um livro por hora por um pequeno valor; foram os percusores das modernas bibliotecas e mercados de livros importantes e confiáveis (Lyons, 2011, p. 105).

As bibliotecas dessa época deixaram de ser tesouro para se tornarem serviço e os livros passaram a ser material de consumo. Gutenberg teve uma contribuição significativa em todo esse avanço com a invenção da imprensa.

### 3.1.1 Gutenberg e a invenção da prensa

Johannes Gensfleisch zur Laden zum Gutenberg pode ser considerada uma pessoa misteriosa. Há poucos fatos concretos sobre sua vida. A Gutenberg atribuiu-se a invenção da prensa em 1440, Mogúncia, cidade alemã. Os moldes foram feitos nessa época, e a partir deles forjaram-se caracteres de metal e uma tinta baseada em óleo foi aperfeiçoada para depois construir-se a própria prensa manual. Todas essas etapas exigiram tempo, trabalho em equipe, além de investimento financeiro. A invenção da prensa foi o resultado de uma inovação tecnológica, pois seu desenvolvimento foi uma resposta à crescente procura de livros, trazendo para a época uma produção mais rápida e barata (Lyon, 2011).

É possível afirmar que a difusão do uso cotidiano do papel e a invenção da impressão também acarretaram transformações importantes na formação de coleções e bibliotecas. A meados de 1450 só era possível reproduzir um texto copiando-o a mão (Schwarcz, 2002, p. 128).

Nas primeiras décadas do século XVII, os livros se multiplicam em mãos de particulares e as bibliotecas aumentam seus acervos (Moraes, 2006). Com o passar dos anos, os livros perdem o seu valor material, tornando-se um serviço. A biblioteca deixa de ser a única opção enquanto coleção pública e passa a oferecer serviços ao público para o qual se destinava (Milanesi, 1983).

A ideia de que a invenção da impressão gráfica marcou época é antiga, seja a nova técnica discutida isoladamente, seja em conjunto com a invenção da pólvora ou como parte do trio “prensa-pólvora-bússola” (Briggs; Burke, 2016, p. 29). Antes da invenção da prensa, levavam-se anos para copiar um livro (Ranganathan, 2009, p. 7).

Considera-se como essencial um fato histórico ocorrido por volta de 1450, na Alemanha, numa cidade interiorana banhada pelo rio Reno chamada Mainz, local em que o ourives Johannes Gutenberg criou um artefato que viria a possibilitar o surgimento dos primeiros meios de comunicação verdadeiramente de massa (Profeta, 2021, p. 33).

A partir da invenção da prensa, a informação e o conhecimento ganham espaço. No século XVII, por exemplo, o conhecimento estava em enciclopédias, pois essa era a forma que se tinha de registrar e compartilhar aprendizados com mais pessoas. Nessa época, criaram-se os primeiros periódicos científicos a fim de divulgar novas descobertas e invenções, porém o conhecimento ainda era restrito a um grupo de privilegiados e a população não tinha acesso a esse domínio (Sena, 2014).

### **3.2 Bibliotecas Universitárias**

Para Cunha e Cavalcanti (2008, p. 53), a biblioteca universitária é uma unidade “mantida por uma instituição de Ensino Superior e que atende às necessidades de informação do corpo docente, discente e técnico-administrativo, tanto para apoiar as atividades de ensino, quanto de pesquisa e extensão”.

Com a fundação das primeiras universidades surgem, ainda na Idade Média, as bibliotecas universitárias. Naquela época, as bibliotecas ainda estavam ligadas a

ordens religiosas. Os acessos aos livros e ao espaço da biblioteca eram vigiados e restritos aos estudantes e pessoas letradas. Os livros ficavam em estantes presos por correntes, pois o foco era a guarda e a preservação (Cassiavilani, 2020).

Quando aparecem as primeiras universidades, surgem com elas algumas demandas, como a necessidade de livros para os estudantes, além do acesso aos materiais de estudo. Apesar dessa demanda, as bibliotecas universitárias da Idade Média se desenvolveram somente no decorrer do século XV, quando o acervo tinha apenas dezenas de volumes, em sua maioria doações (Cabral, 2021).

As bibliotecas universitárias da Idade Média ganham o seu grande desenvolvimento no decorrer do século XV, quando, na observação de Stephen d'Irsay, as riquezas materiais das universidades aumentam (Martins, 1998, p. 91).

No Brasil foi criada, em 1920, a primeira biblioteca universitária, com a criação da Universidade do Brasil, hoje denominada Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) (Fávero, 2006).

O número de bibliotecas universitárias no Brasil cresce a partir da década de 1960, com a criação de diversas universidades e com a junção de algumas faculdades já existentes (Cassiavilani, 2020, p. 55).

Nessa época, as primeiras bibliotecas universitárias eram insuficientes tanto para a formação do docente quanto para a formação do discente, e não eram regulamentadas como obrigatórias para que as universidades pudessem iniciar suas atividades acadêmicas (Diógenes, 2012).

Já em 1968, quando ocorreu a Reforma Universitária, o ensino superior se reestruturou no Brasil, redefinindo os seus objetivos e dotando-os de maior racionalidade. Abriram-se novos caminhos para a biblioteca universitária.

Fica clara nesse momento a importância da biblioteca no processo de ensino. Quando se trata do ensino superior, seu papel é reforçado devido ao próprio valor da universidade. De acordo com Ferreira (1980 *apud* Cassiavilani, 2020, p. 19) “nenhuma outra instituição ultrapassa em magnitude a contribuição universitária, a qual torna possível o formidável avanço tecnológico e científico que se registra atualmente em todos os campos do conhecimento”.

É sabido que o desenvolvimento da ciência se faz por um processo acumulativo, onde novas experiências e conhecimentos são somados àqueles já existentes. Uma nova pesquisa, portanto, se inicia com resultados obtidos em pesquisas anteriores e aí reside uma

fundamental importância da biblioteca universitária (Carvalho, 1981, p. 17).

Desse modo, se as universidades têm sua missão voltada para o ensino, pesquisa, extensão e inovação. As bibliotecas dessas instituições devem desenvolver seu trabalho seguindo os mesmos objetivos (Cassiavilani, 2020).

A partir da década de 1990, com o avanço das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), as bibliotecas universitárias brasileiras começam a se modernizar. Nessa época os recursos tecnológicos passam a ser utilizados para gerenciar acervos e serviços, pois tem-se como foco da biblioteca universitária a formação e o desenvolvimento de coleções (acervo de livros) com base na avaliação dos cursos oferecidos pela universidade (Cassiavilani, 2020).

As bibliotecas universitárias no Brasil, independentemente de serem consideradas públicas ou privadas, são avaliadas com base nos parâmetros definidos pelo Sistema Nacional de Ensino Superior (SINAES), criado pela Lei nº 10.861, de 2004. Consideram-se nessa avaliação, no que tange à biblioteca universitária, fatores como política de coleções, estrutura física, serviço ao usuário, dentre outras questões (Nunes; Carvalho, 2016).

A biblioteca universitária brasileira está atrelada às avaliações do Ministério da Educação (MEC). É vista como um dos recursos dos processos de ensino e de aprendizagem nesse nível.

Desde 1996, o Governo Federal avalia os Cursos de Graduação das IES brasileiras, através de três dimensões, ou categorias de análise, quais sejam, o Corpo Docente, a Organização Didático-pedagógica e as instalações das unidades de ensino. Nesta última categoria encontra-se a biblioteca universitária (Lubisco, 2011, p. 71).

De acordo com Lubisco (2001, p. 38), a trajetória das bibliotecas universitárias (BUs) se transformou, “passando pela democratização das suas condições de acesso e uso, até chegar à especialização por áreas do conhecimento e à socialização, através dos serviços de extensão, desenvolvidos extramuros”.

Em 2004, a Lei nº 10.861, ao estabelecer as novas diretrizes para a avaliação do Sistema de Educação Superior, introduz algumas melhorias no que se refere às bibliotecas.

As bibliotecas das Instituições de Educação Superior veem-se diante da exigência de assumirem novas competências impostas pela

Sociedade do Conhecimento. Nesse sentido, deixam de ser apenas repositório de informação e passam a trabalhar com políticas que focam a satisfação do usuário e a contribuição das suas ações na melhoria dos processos e dos resultados de formação dos alunos. Portanto, constituem-se em setores estratégicos engajados na dinâmica institucional que precisam submeter-se aos processos avaliativos com fins de melhoria contínua e de assegurar a qualidade dos seus serviços (Tutikian; Suñé, 2011, p. 14).

Na educação superior, “bibliotecas são um fator bastante considerado quando estudantes selecionam uma universidade, e, em consequência disso, as bibliotecas acadêmicas podem também impulsionar o número de matrículas” (Lankes, 2016, p. 35). Atrelado a isso, Lankes (2016, p. 39) traz uma reflexão referente ao acervo da biblioteca.

Como fazer com que o acervo de uma biblioteca universitária realmente atenda a todos os cursos da universidade? Quais cursos, programas e serviços são oferecidos, por quem, para quem e com qual expectativa? Simplesmente estocar recursos não melhora a educação. Trata-se apenas de acúmulo.

O poder das bibliotecas reside, enfim, em seu papel crucial na transmissão da cultura e dos saberes. São lugares da continuidade, mas também das rupturas da tradição (Jacob, 2006). A biblioteca vem passando ao longo do tempo por um processo contínuo de transformações, buscando sempre se adequar às necessidades e características do público e do momento histórico específico (Silva, 2019).

Martins (1998, p. 325) ressalta que “[...] a biblioteca moderna não apenas abriu largamente as portas, mas ainda sai à procura de leitores; não apenas quer servir ao indivíduo isolado, proporcionando-lhe a leitura, o instrumento, a informação de que necessita, mas ainda deseja satisfazer as necessidades do grupo [...]”.

Historicamente, a biblioteca vem galgando inúmeras mudanças ocasionadas pelo avanço tecnológico e pelas novas demandas do público. Para acompanhar e se justapor a essa conjuntura cada vez mais especializada e exigente, as bibliotecas foram se especializando conforme as características e necessidades dos usuários, surgindo os mais diversos tipos de bibliotecas: Biblioteca Nacional, Biblioteca pública, Biblioteca escolar, Biblioteca universitária, Biblioteca especializada, Biblioteca virtual, digital, híbrida entre outras (Silva, 2019, p. 19).

A utilização de uma biblioteca universitária, na maioria das vezes, é o primeiro contato que um estudante tem com o ambiente educacional no ensino superior. Cabe,

então, a valorização das bibliotecas nas instituições educacionais, especialmente por parte dos governos, que precisam, ou deveriam, compreender a função delas, atribuindo-lhes a devida importância devido ao seu alcance social.

### 3.3 Inovação em Bibliotecas Universitárias e o avanço das TICs

Realizar um percurso histórico quando se fala de bibliotecas torna-se indispensável para se entender as múltiplas facetas da sociedade, projetando a biblioteca universitária em um patamar que seja de interesse social (Cabral, 2021).

O paradigma das primeiras bibliotecas que era de guarda e preservação do conhecimento como foco principal o acervo se transformou, acompanhando a própria evolução da universidade e do público, que se beneficiam de seus serviços. Hoje o foco é toda a comunidade acadêmica que utiliza esse ambiente, lembrando que o acesso não se limita ao suporte físico do papel (Nogueira, 2020).

As universidades e as bibliotecas universitárias buscam sempre se adequar às novas realidades e podem ser consideradas organizações que estão em constantes mudanças. Um fator que tem influenciado todas essas mudanças é a inovação, que vem ganhando força nas últimas décadas e tem-se mostrado relevante principalmente no contexto das bibliotecas universitárias (Cassiavilani, 2020).

A palavra “inovação” origina-se do latim *innovatio*, que significa “mudança”, “renovação”. No ambiente corporativo, muitas vezes é utilizada de forma equivocada. De qualquer forma, falar de inovação é falar de algo positivo, pois uma empresa inovadora pode ser considerada uma organização virtuosa (Tavares, 2018).

No século 13, o termo “novação” era usado na renovação de contratos, e não tinha nenhuma relação com criatividade, mas com novidade, algo recente. Nos séculos 16 e 17, o termo adquiriu caráter de contradição religiosa. No contexto da Reforma Protestante que vivia a Europa – que questionava a Igreja Católica Romana tradicional - acusações de “inovador” eram trocadas, e o termo era sinônimo de “herege”. Inovação nas doutrinas era considerada uma maldição, e o inovador tinha suas orelhas cortadas ou recebia castigos piores. A modificação deste significado deu-se somente no século 20, quando o termo adquiriu uma conotação positiva. Esta inversão de valor ocorreu devido as invenções tecnológicas. No início do século 20, inovação passou a significar progresso econômico ou social, alavancado por estas novidades tecnológicas (Melo; Abelheira, 2015, p. 168).

Para falar um pouco mais sobre inovação, recorreu-se aqui ao manual de Oslo.

Esse manual surgiu na última década do século XX pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento (OCDE) e se tornou referência internacional para tratar terminologias e procedimentos para coleta e interpretação de dados quando o assunto é inovação (Guedes, 2007).

Esse manual diz que inovação é a implementação de um produto (bem ou serviço), um novo método de marketing ou um novo método organizacional nas práticas de negócios (Organização para cooperação e desenvolvimento, 1997).

A matriz da teoria da inovação foi elaborada por Joseph Schumpeter, em 1911. Em sua abordagem, ele frisa uma distinção entre invenção e inovação. Já na década de 1980, Christopher Freeman foi responsável pelo resgate e pela renovação das teorias sobre inovação por meio da abordagem que ficou conhecida como pensamento neoschumpeteriano (Tavares, 2018).

Inovações nos espaços físicos das bibliotecas são imprescindíveis para que se façam necessárias para a comunidade. Esses espaços dinâmicos devem ser vistos como lugares de colaboração e criação, onde são desenvolvidas ações de *makerspaces*, *information commons* e *coworking* (Nogueira, 2020).

Os *makerspaces* são considerados ambientes que estimulam a criatividade e a criação, seja por meio de computadores, impressoras 3D, entre outras ferramentas. (Nogueira, 2020, p. 48).

O *Information commons* pode ser definido como “espaço físico ou virtual onde recursos de informação podem ser acessados e utilizados” (Silveira, 2014, p. 69).

Os espaços de *coworking* são pensados para que as pessoas, ainda que realizem serviços diferentes ou pertençam a empresas distintas, utilizem o mesmo espaço, o que possibilita a troca de experiências (Nogueira, 2020, p. 48).

Importante destacar que as iniciativas inovadoras nem sempre se utilizam de tecnologias de ponta, grandes mudanças e ambientes com grande sofisticação. Uma simples mudança no layout pode provocar uma reação positiva (Silva, 2019).

Gama e Sousa (2019) descrevem um relato no qual apresentam o *Bibliobreak*, projeto desenvolvido na Biblioteca Lourenço José Vieira da Silva, da Universidade Federal Rural da Amazônia. O *Bibliobreak* ocorre das 13h às 14 (momento de intervalo para almoço), de segunda a sexta, no auditório da biblioteca, com filmes, séries, vídeos do Youtube, documentários, oficinas, dinâmicas e palestras. As autoras ainda relatam que:

Neste cenário, observa-se que o avanço das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's) pode ser considerado como um aliado dos bibliotecários para engendrar ações inovadoras e intraempreendedoras. As TIC's possibilitaram diversas formas de proporcionar o suporte informacional aos usuários de bibliotecas, ampliando a sua capacidade em oferecerem novos serviços e produtos, além de permitirem a criação de novas formas de acesso ao conhecimento (Gama; Sousa, 2019, p. 205).

Em outro estudo, Rossi *et al.* (2020) relatam que no mapeamento de tendências realizado pelo *Center for the Future of Libraries da American Library (ALA, 2014)* foi constatado: colaboração criativa; aprendizagem conectada; controle de voz, drones, robôs; realidade virtual; aprendizagem invertida.

Diante do exposto, é possível apontar que no Brasil há um caminho a ser percorrido pela IES no sentido de fortalecer e incentivar a inovação no meio acadêmico (Cassiavilani, 2020).

[...] 6% dos universitários brasileiros já são empreendedores e outros 21% pretendem empreender no futuro. No entanto, “a inovação é rara entre aqueles que estão empreendendo na universidade: só 4% desses estudantes-empreendedores consideram ter um produto ou serviço novo no mercado nacional.” E apenas “1,4% quer criar algo inovador no mundo. Esses números poderiam ser diferentes, especialmente em se tratando de alunos imersos em centros de pesquisa e ensino (ENDEAVOR; SEBRAE, 2016, p. 8).

Com os paradigmas advindos das TICs, as bibliotecas universitárias tornam-se espaços de construção do conhecimento e de mediação, pois oferecem produtos e serviços com a intenção de melhorar a qualidade dos processos de ensino e de aprendizagem (Cabral, 2021).

No século XX houve grandes transformações na sociedade, além de duas guerras mundiais, que apesar das perdas de vidas, trouxe uma expansão tecnológica significativa. O conhecimento nessa “Sociedade Pós-Industrial” se expandiu e surgiu o computador com inúmeras possibilidades. Na década de 60 do século XX, começou a surgir a “Sociedade da Informação” (Sena, 2014).

Ninguém pode duvidar que dentro dessa sociedade em mudança, as bibliotecas ressignificaram seus espaços físicos. Elas ainda são lugares onde é oferecida a leitura, livros, é claro, mas também são centros que proporcionam alternativas para competir na era digital (Silva, 2015).

Inovadoras por necessidade, as bibliotecas universitárias sempre foram

consideradas dinâmicas. A biblioteca universitária precisa se ressignificar – ou ser ressignificada - para manter-se como um espaço de aprendizagem.

### **3.4 Biblioteca – Muito mais que livros**

A biblioteca não é mais, por consequência, um mero depósito de livros: esse é o mais importante de todos os pontos característicos na evolução e na ressignificação do seu conceito (Martins, 1998).

A sociedade ainda continua com a ideia de que bibliotecas são apenas locais cheios de prateleiras onde se guardam livros, mas livros somente como simples objetos e não como suportes informacionais que precisam ser tratados, armazenados e controlados para acesso a serviço de sua comunidade.

Como afirma Milanesi (1994), no decorrer do século XX se delineou para a biblioteca uma nova função: a de sistematizar o acesso à informação. Nessa época, torna-se essencial a busca pela informação. Para se viver em sociedade, o homem tem a necessidade de estar sempre bem-informado, saber das novidades e dos avanços científicos e tecnológicos que surgem a cada dia.

Por esse motivo, as bibliotecas precisam adequar os seus serviços a essa nova realidade, e não somente pelo número de informações que a cada dia surgem, mas também porque as pessoas estão mais exigentes e não esperam solucionar suas necessidades informacionais nas bibliotecas apenas por desconhecerem seus serviços e potencialidades na busca de informações e construções de novos conhecimentos.

Os que se interessam pelas bibliotecas falam frequentemente dos textos, dos livros, dos escritos, bem como de sua acumulação, de sua conservação, de sua leitura e de sua exegese. Têm certamente razão, mas há um certo risco em limitar a ecologia dos lugares de saber aos signos ou à simples matéria do escrito (Latour, 2006, p. 21).

A nova visão da biblioteca não é como local ou como acervo de livros, mas como uma plataforma comunitária para criação e compartilhamento de conhecimento.

Você pode achar que são poucos os livros que não são emprestados num período de dez anos, mas está enganado. Qualquer biblioteca empresta livros segundo a regra dos 80/20. De um acervo, 80% do que será utilizado corresponde a 20% do acervo total (Lankes, 2016, p. 51).

A biblioteca não existe somente para emprestar e devolver livros, e seus serviços podem e devem ir muito além disso. Ela deve ser um espaço democrático que todos podem usar. Uma biblioteca bem estruturada pode e deve ser considerada um ponto de acesso para qualquer atividade educacional/pedagógica.

A quantidade de informação tem crescido de maneira visível. Seu aumento também se deu ao fato de surgirem cada vez mais suportes e vários meios à transmissão de conhecimento nesse espaço, o que aumentou o número da frequência de pessoas.

Como já mencionado, as bibliotecas universitárias são instituições vinculadas às universidades e têm como objetivos atender às necessidades da comunidade acadêmica (Cassiavilani, 2020).

Atualmente, BUs são órgãos que têm enfrentado ao longo de sua existência uma mudança de paradigma, assim como os demais tipos de biblioteca. Ainda que em sua missão essencial de ser fundamental no auxílio das atividades de ensino, pesquisa e extensão, os interesses e perfis da comunidade acadêmica têm se transformado (Nogueira, 2020, p. 46).

Essa mudança muito se relaciona com as tecnologias em geral. A geração dos nativos digitais, que é o principal público desse tipo de unidade de informação, possui a tecnologia como ferramenta indispensável em seu cotidiano (Nogueira, 2020).

Zaninelli *et al.* (2016, p. 150) afirmam: “[...] a evolução tecnológica tem um papel relevante no que tange às interações entre as pessoas e, por consequência, no processo de compartilhamento da informação entre elas”.

Organizações complexas, com múltiplas funções e uma série de procedimentos, produtos e serviços que foram desenvolvidos ao longo de décadas. No entanto o seu propósito fundamental permaneceu o mesmo, isto é: proporcionar acesso ao conhecimento. Esse acesso ao conhecimento é que irá permitir que o estudante, professor e pesquisador possam realizar suas aprendizagens ao longo da vida (Cunha, 2010, p. 6).

A BU deve atender às necessidades informacionais da comunidade acadêmica em geral (corpo docente, discente, pesquisadores e técnico-administrativo). Além disso, tem a sua importância reforçada nos processos de ensino e de aprendizagem no que se refere à pesquisa e ao papel social, pois deve estar em sintonia com a

instituição. Ou seja, ela é fundamental no planejamento e no desenvolvimento de ações a que se propõe (Silva, 2019).

Serviços como empréstimos, devoluções, reservas e renovações têm se modernizado, tornando o usuário mais independente, ao mesmo tempo em que ações que permitam que o usuário enxergue a biblioteca como um espaço democrático, aberto aos mais diversos usos, têm surgido (Nogueira, 2020, p. 46).

A biblioteca do século XXI deve ser necessariamente um espaço de novidades e descobertas, e o bibliotecário precisa se posicionar como agente articulador desse locus de inovação (Brayner; Aquiles, 2018).

Nutrir a ideia de que uma biblioteca gravita em torno do empréstimo de material bibliográfico é de uma pobreza doentia e, comumente, suicida. A biblioteca deve ser encarada como uma instituição destinada a produzir vantagens sociais e econômicas para a instituição a qual pertence (Brayner, 2018, p. 214).

As bibliotecas existem porque existem pessoas e, se as pessoas encontram obstáculos para estar na biblioteca, ela se torna apenas um espaço onde são guardados livros (Lessa; Gomes, 2017).

Deve-se sempre levar em conta que as pessoas são a essência das bibliotecas, seja pelos profissionais que nela atuam ou pelo público que se beneficiará de seus serviços.

### **3.5 Bibliotecário – Que profissional é esse?**

É no início da Renascença que a biblioteca adquire o seu sentido moderno, e nessa época surge a figura do bibliotecário. Junto com a existência da biblioteca aparece a necessidade de um profissional que atue em instituições com objetivos pré-estabelecidos (Martins, 1998).

A disposição da biblioteca era complexa, somente o bibliotecário sabia precisamente a localização de um livro. Por trás desse comportamento ideológico do bibliotecário talvez já estivesse a semente do estereótipo do bibliotecário, simbolizando uma autoridade que garantiria a “proteção” do livro e do templo (biblioteca) (Cabral, 2021, p. 49).

As instruções da Biblioteca Pública da Bahia, a primeira do Brasil (1811), em relação ao bibliotecário, prescrevia: “deverá ser um sujeito de muito boa conduta que saiba bem ler, escrever e contar” (Milanesi, 1983, p. 25).

A imagem do bibliotecário na Idade Média é representada no livro de Umberto Eco, *O Nome da Rosa*, como “guardião do saber”, tendo como enredo a investigação referente ao assassinato em série de monges, sendo a biblioteca e os livros peças-chave desse mistério. Com o passar dos séculos, a imagem do bibliotecário como mediador e disseminador permaneceu apagada (Cabral, 2021).

Nos históricos de bibliotecas, há sempre referências elogiosas a algum elemento que batalhou incansavelmente para a criação e desenvolvimento da biblioteca, louvando-o pelo “zelo, dedicação e lealdade”, pelo seu “incansável trabalho” em conseguir doações e manter a biblioteca, ou pelo seu desprendimento em “prestar serviços gratuitamente” (Gomes, 1983, p. 52-53).

Observam-se, com tudo isso, as dificuldades dos profissionais formados em biblioteconomia de se consolidarem na profissão e obterem reconhecimento e permanência. Esses obstáculos existem desde os primórdios devido à posição das instituições. Por esse motivo, o bibliotecário precisa criar uma nova identidade profissional e mudar seu caráter tecnicista para uma posição mais humanista.

Nos Estados Unidos, a profissão de bibliotecário tem maior prestígio. Nesse país, além dos quatro anos de universidade exige-se mais um ano de especialização para que o profissional possa ser admitido na carreira. Na França, os bibliotecários eram formados pela *École des Chartes* durante todo o século XIX. Os estudos duravam três anos, e para receber o diploma era necessário ter aprovação nos exames além da defesa de tese. No Brasil, o primeiro curso de biblioteconomia surgiu no Rio de Janeiro, no ano de 1915, junto da Biblioteca Nacional, com duração de um ano. Esse curso funcionou precariamente até 1922. Em 1931 foi reestruturado e funcionou inalterado até 1944 (Martins, 1998).

No Brasil, a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) identifica as ocupações no mercado de trabalho e enquadra o bibliotecário como um Profissional da Informação através do código 2612, atribuindo-lhe vários sinônimos, como bibliógrafo, biblioteconomista, cientista da informação, consultor da informação, especialista da informação, gerente de informação e gestor de informação. Esse especialista dissemina informação com o objetivo de facilitar o acesso. Para o

exercício da profissão é obrigatório bacharelado em biblioteconomia e documentação, e o profissional exerce suas atividades de forma presencial ou à distância (Brasil, 2002).

Ao falar da evolução e das transformações pelas quais as bibliotecas passaram, não se pode ignorar a figura do bibliotecário. E, nesse sentido, cabe destacar aqui as competências e os desafios desse profissional. Cabe ainda salientar a importância que o bibliotecário possui na mudança de paradigma que as BUs têm sofrido ao longo do tempo. A tecnologia da informação e comunicação teve um papel fundamental para que tais mudanças ocorressem (Nogueira, 2020).

Da mesma forma que as transformações influenciaram as bibliotecas universitárias, os bibliotecários também precisaram evoluir para acompanhar todas as transformações. Assim, fica evidente a necessidade de atualização e modernização, mesmo sendo algo que faz parte da história da biblioteconomia e dos bibliotecários (Cassiavilani, 2020).

Vários autores da Europa, dos Estados Unidos e do Brasil destacam a importância desse profissional desenvolver atitudes ligadas ao empreendedorismo, tendo como características o relacionamento interpessoal, a proatividade, a criatividade, a inovação e a solução de problemas (Cassiavilani, 2020).

O impacto econômico das bibliotecas também vem de coisas intangíveis, como a criação de um ambiente cívico que atraia negócios e desenvolva o mercado de trabalho (Lankes, 2016).

O que fica claro na ótica do bibliotecário é que ele é um profissional que, além de promover o empreendedorismo e a inovação, pode beneficiar-se ao promover sua autoimagem na instituição na qual está inserido (Cassiavilani, 2020).

Antonio Miranda apresentou no 1º Seminário de Bibliotecas Universitárias (SNBU), em 1978, uma reflexão na qual insere a biblioteca universitária como um fenômeno social. A partir disso, espera-se que o profissional bibliotecário transite nas esferas políticas e administrativas, não ficando restrito a questões técnicas da profissão (Miranda, 1978).

O que fica claro neste trecho é a importância do profissional ter domínio das questões técnicas da profissão – que são os diferenciais do profissional bibliotecário – mas a questão administrativa, de gestão, também tem que ser uma competência que o bibliotecário tenha domínio, para conseguir enxergar o contexto, as tendências,

compreender as ameaças e vislumbrar as possibilidades, a fim de atender e acompanhar as transformações (Cassiavilani, 2020, p. 68).

Esse profissional possui habilitação para organizar e administrar bibliotecas - de forma que se pode expandir o escopo para o contexto digital -, e atua com a promoção do uso desses recursos, sejam físicos ou digitais, conforme o Decreto nº 56.725, de 16 de agosto de 1965, do Conselho Federal de Biblioteconomia (Salort, 2017).

Art. 8º – São atribuições do Bibliotecário a organização, direção e execução dos serviços técnicos de repartições públicas federais, estaduais, municipais e autárquicas, bem como de empresas particulares, concernentes às matérias e atividades seguintes:

- I. o ensino das disciplinas específicas de Biblioteconomia;
- II. a fiscalização de estabelecimentos de ensino de Biblioteconomia reconhecidos, equiparados ou em via de equiparação;
- III. administração e direção de bibliotecas;
- IV. organização e direção dos serviços de documentação;
- V. execução dos serviços de classificação e catalogação de manuscritos e de livros raros ou preciosos, de mapotecas, de publicações oficiais e seriadas, de bibliografia e referência (Brasil, 1965).

Conforme informações do Conselho Regional de Biblioteconomia da 6ª região, o bibliotecário, ainda que legalmente restrito ao ambiente das bibliotecas, também pode atuar em outros projetos como educador ou facilitador, pois pode contribuir para a geração de novos conhecimentos.

Considera-se que o conhecimento do bibliotecário é útil também para a estruturação e a apresentação de resultados de pesquisa, pois este profissional possui formação específica e conhece diferentes normas, desde a elaboração de resumos, citações, formas de apresentação, elaboração de fichas catalográficas (catalogação na publicação), solicitação de registro de ISBN (International Standard Book Number) para livros e elaboração de referências bibliográficas, entre outras. (Salort, 2017, p. 30)

O bibliotecário também possui conhecimentos sobre Direitos Autorais no Brasil. Portanto, acredita-se que suas práticas contribuem bem mais para os ambientes acadêmicos (Salort, 2017).

Quanto à atuação, como já havia previsto Rodrigues (1995), nos dias atuais o bibliotecário tem trabalhado e contribuído para a criação e utilização de bibliotecas digitais e de outros recursos de informação nos ciberespaços. As mudanças relacionadas à prática profissional estão pautadas nas transformações ocorridas nos

suportes de informação (Salort, 2017).

Sendo assim, o profissional deve ser alocado também em funções de atendimento ao usuário. As instituições devem garantir salários e condições de trabalho que o valorizem. (Carvalho, 1981).

Ser bibliotecário é, portanto, uma condição que se conquista com esforço e dedicação. Não basta o diploma de bacharel para ser bibliotecário. Antes de configurar uma profissão conquistada nos bancos da escola, a Biblioteconomia é um estado de espírito a que se alça, o lugar de onde se milita a função social da mediação do conhecimento canonizado (Galindo, 2018, p. 15).

A Lei nº 4.084/12 estabelece que “administrar biblioteca é competência exclusiva do bibliotecário” (Brasil, 1962). Nesse contexto, ele se revela um agente capaz de fomentar no âmbito da biblioteca uma semente de revolução, de resistência a políticas que ignorem o direito de ser diferente, de ser indivíduo, de ser um “não sujeito” (Brayner, 2018, p. 79).

Por outro lado, o bibliotecário moderno, que acredita na lei de que os “Livros São Para Usar”, só se sente feliz quando os leitores esvaziam constantemente as estantes. O que o preocupa não são os livros que são retirados da biblioteca (Ranganathan, 2009).

Esse profissional se encontra entre o passado, o presente e o futuro. Apesar das atividades tradicionais, precisa ir para onde estão os clientes para renovar os seus conhecimentos (Smit; Barreto, 2002).

Vivemos hoje uma crise de profissões. Tal crise não se relaciona exclusivamente com a redução do mercado de trabalho, uma vez que essa situação já se consolidou de há muito. Ela é mais profunda e se aproxima das demandas básicas de um mundo globalizado (Almeida Júnior, 2002, p. 133).

Os bibliotecários não podem viver no passado e, mesmo que alguns ainda o façam, precisam olhar para o futuro e antecipar o que a próxima década poderá trazer (Maciel; Mendonça, 2006).

Os bibliotecários de hoje estão utilizando as lições que aprenderam ao longo de aproximadamente três mil anos de história para construir uma nova biblioteconomia que não seja baseada em livros e outros artefatos, mas no conhecimento e na comunidade (Lankes, 2016, p. 22).

Muitos bibliotecários veem o acervo e não a comunidade como sua ocupação. Muitas bibliotecas buscam sobreviver em vez de inovar e promover a paixão pela leitura, sem se preocupar em empoderar as populações a que servem (Lankes, 2016).

É preciso revelar um perfil adequado para essa prática e refletir sobre a relevância do trabalho desse profissional nas instituições educacionais. É necessário fazer do bibliotecário um profissional mais participativo, pois depende dele, junto com os educadores, a formação de cidadãos capazes de selecionar e analisar as informações realmente úteis para contribuir com a sociedade.

## 4 METODOLOGIA

Esta seção tem a finalidade de apresentar o percurso metodológico desta pesquisa, incluindo, além da escolha dos participantes, o procedimento de coleta de dados utilizado: a entrevista. Além disso, destaca a forma de análise dos dados coletados.

### 4.1 Entrevista

Segundo Andrade (2003, p. 146), “a entrevista constitui um instrumento eficaz na recolha de dados fidedignos para a elaboração de uma pesquisa, desde que seja bem elaborada, bem realizada e bem interpretada”.

Define-se entrevista como a técnica através da qual o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas com o objetivo da obtenção dos dados que interessam à investigação (Gil, 2008).

A entrevista é considerada “um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto mediante uma conversa de natureza profissional” (Lakatos; Marconi, 1993, p. 195-196).

A realização de entrevistas de pesquisa é muito mais complexa que entrevistas para fins de aconselhamento ou seleção de pessoal. Isso porque a pessoa escolhida não é a solicitante. Logo o entrevistador constitui a única fonte de motivação adequada e constante para o entrevistado. Por essa razão, a entrevista nos levantamentos deve ser desenvolvida a partir de estratégia e tática adequadas (Gil, 2002, p. 117).

De acordo com Gil (2008), consideram-se algumas vantagens ao aplicar a entrevista:

- a) não exige que a pessoa entrevistada saiba ler e escrever;
- b) possibilita a obtenção de maior número de respostas;
- c) oferece flexibilidade muito maior, ainda que o entrevistador possa esclarecer o significado das perguntas e adaptar-se mais facilmente às pessoas e às circunstâncias nas quais se desenvolve a entrevista;
- d) possibilita captar a expressão corporal do entrevistado bem como a tonalidade de voz e ênfase nas respostas.

Uma pesquisa que utiliza a entrevista como coleta de dados é considerada parte de uma pesquisa qualitativa. Na pesquisa qualitativa, o cientista é, ao mesmo tempo, o sujeito e o objeto de suas pesquisas. O desenvolvimento da pesquisa é menos previsível. O conhecimento do pesquisador é considerado parcial e limitado. “Na pesquisa qualitativa podem ser utilizadas entrevistas semiestruturadas com um único respondente ou com um grupo focal” (Bauer; Gaskell, 2015, p. 64).

Na perspectiva de Szymanski (2008), na entrevista semiestruturada não há um roteiro fechado que o pesquisador deve seguir, porém os objetivos precisam ser claros. Deve-se considerar que quem entrevista tem informações e procura outras que no momento são hipóteses. O entrevistado, ao aceitar o convite, aceita também os interesses do pesquisador. Neste momento pode ficar claro para o entrevistado que ele possui um conhecimento que é muito importante para o outro. O entrevistado tem a oportunidade de falar para um interlocutor atento e interessado, fazendo desse momento um espaço para organização de ideias. Há vários formatos de entrevista semiestruturadas, uma delas é a entrevista reflexiva. Nesse tipo de entrevista é possível que o entrevistado reflita sobre a sua fala e volte à questão discutida a partir de uma nova narrativa, cumprindo-se, assim, um compromisso ético.

A entrevista semiestruturada parte de questionamentos básicos apoiados em teorias e hipóteses que possam interessar à pesquisa. Assim, o participante, mesmo que de forma intencional, ao seguir de forma espontânea sua linha de pensamento, coopera com a elaboração de conteúdo para a pesquisa (Triviños, 1987, p. 146).

A entrevista reflexiva semiestruturada deve ter rigor científico e seguir alguns passos metodológicos. O entrevistador deve se apresentar e fornecer informações pessoais, instituição de ensino e o tema da pesquisa. Deve solicitar permissão para gravação. Sugere-se que a entrevista reflexiva deva durar no mínimo 1 hora e no máximo 1h30min. O pesquisador deve ouvir mais do que falar, procurando não interromper o entrevistado, aguardando-o em suas hesitações e incentivando, discretamente, para a complementação das respostas (Andrade, 2003, p. 148).

Na preparação da entrevista, o pesquisador deve considerar o que perguntar e a quem perguntar (quem serão os entrevistados que farão parte da pesquisa). Para isso, elabora-se um tópico guia (Apêndice A). O tópico guia é parte vital do processo de pesquisa e necessita de atenção detalhada. É fundamental colocar tempo e esforço na construção desse item, que deve funcionar como um lembrete para o entrevistador.

Contudo, como sugere o título, é um guia, e o entrevistador não deve se tornar escravo dele, como se o sucesso da pesquisa dependesse só disso. Embora tenha de ser bem-preparado no início do estudo, deve ser usado com flexibilidade, e todas as mudanças - e suas motivações – devem ser plenamente documentadas (Bauer; Gaskell, 2015).

Ao finalizar a elaboração do tópico guia, um pré-teste deve ser realizado. “Muitos pesquisadores descuidam dessa tarefa, mas somente a partir daí é que tais instrumentos estarão validados para levantamento” (Gil, 2002, p. 119). O autor ainda reforça que:

O pré-teste não visa captar qualquer dos aspectos que constituem os objetivos do levantamento. Não pode trazer nenhum resultado referente a esses objetivos. Ele está centrado na avaliação dos instrumentos enquanto tais, visando garantir que meçam exatamente o que pretendem medir.

O pré-teste desta pesquisa foi feito em outubro de 2022, com a realização de uma entrevista com o reitor da Universidade de Sorocaba. Esse pré-teste se transformou, posteriormente, em um trabalho que foi apresentado de forma oral por uma das autoras no 22º Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias, em novembro de 2023, em Florianópolis, sob o título “A biblioteca como lócus educacional em transição: percepções da gestão de uma universidade comunitária”. Esse trabalho pode ser localizado nos anais do evento em formato PDF e em vídeo no Youtube, no Canal da Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas de Informação e Instituições (FEBAB).

Ao utilizar a entrevista como metodologia da pesquisa, analisam-se quantas são necessárias, visto que após a entrevista tem-se o trabalho de transcrição e análise das mesmas. A transcrição de uma entrevista pode ter até 15 páginas; com 20 entrevistas haverá 300 páginas para análise (Bauer; Gaskell, 2015).

Nesta pesquisa optou-se por realizar três entrevistas com recorte em universidades de Sorocaba que atuam nas modalidades pública, privada e comunitária.

Independentemente do tipo de pesquisa, quando se trata de seres humanos é necessária uma aprovação prévia do Comitê de Ética e Pesquisa (CEP). Para que a pesquisa seja analisada, deve-se cadastrá-la na Plataforma Brasil. Somente após a aprovação do CEP as entrevistas podem ser efetuadas.

Figura 1 - Ilustração do modelo metodológico antes de realizar a entrevista semiestruturada.



Fonte: elaboração própria

Esta pesquisa foi aprovada pelo (CEP) no dia 11/02/2023 sob o número de parecer 5.888.776.

#### 4.2 Critério para a escolha dos participantes

Todos os participantes das entrevistas desta pesquisa são profissionais com ensino superior completo em biblioteconomia e estavam com o registro profissional ativo no Conselho Regional de Biblioteconomia (CRB). Além disso, autorizaram a gravação da entrevista, que ocorreu pela plataforma Teams.

As instituições foram escolhidas seguindo os critérios:

- a) Ser uma universidade;
- b) Possuir campus/unidade em Sorocaba;
- c) Ter um bibliotecário alocado em Sorocaba

#### 4.3 Coleta de dados

No que se refere a este trabalho, a pesquisadora entrou em contato com três universidades de Sorocaba, selecionadas aleatoriamente (conforme critérios citados no item acima) de forma a representar três diferentes tipos de universidade: privada, pública e comunitária.

O primeiro contato com as universidades foi realizado por e-mail. Nesse momento a pesquisadora, além de se apresentar, informou os objetivos da pesquisa e quem seria o profissional da instituição a ser entrevistado, o bibliotecário.

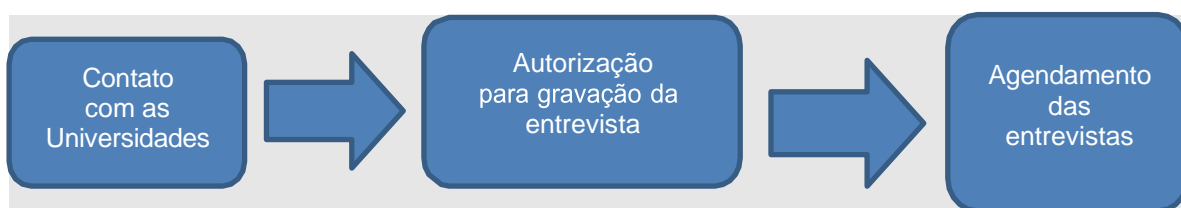
Como as três instituições retornaram o convite de forma positiva, foi enviado por e-mail o Termo de Consentimento de Participante da Pesquisa (Apêndice B). Após a assinatura, as três entrevistas foram agendadas de acordo com a disponibilidade do

entrevistador e do entrevistado.

A entrevista seguiu o t3pico guia, com perguntas que remetiam ao papel da biblioteca, espa3os escolares, inova33o e tecnologia. A inten33o das entrevistas foi verificar como as bibliotec3rias que atuam nessas institui33es analisam o espa3o sob a sua 3tica e fazer rela33o de trechos das entrevistas com a fundamenta33o te3rica da pesquisa.

Todas as entrevistas ocorreram de forma remota (com o uso da ferramenta Microsoft Teams®) para a conveni3ncia de todos. As entrevistas foram gravadas e o TCLE (Ap3ndice C) assinado pelas pessoas entrevistadas.

Figura 2 - Ilustra33o do modelo metodol3gico ap3s aprova33o pelo CEP



Fonte: elabora33o pr3pria

As entrevistas ocorreram nos dias 06/06/2023 (entrevista 1), 13/06/2023 (entrevista 2) e 18/07/2023 (entrevista 3). As pessoas entrevistadas tiveram a garantia de que suas identidades seriam mantidas sob sigilo e nenhuma informa33o seria dada a outras pessoas que n3o fizessem parte da pesquisa.

Devido ao contexto regional foram omitidos dados que pudessem identificar a institui33o em que atuam, visto que as universidades ficam em uma cidade do interior do estado de S3o Paulo e podem ser identificadas se n3o forem ocultados alguns dados mencionados nas entrevistas, como tempo de trabalho na institui33o, in3cio das atividades da universidade na cidade, al3m de outros fatos relevantes que s3o de conhecimento de toda popula33o.

No momento da entrevista, a pesquisadora fez uma escuta ativa. Quando a pessoa entrevistada n3o entendeu alguma quest3o, a pesquisadora a reformulou para que n3o restassem d3vidas 3 pessoa entrevistada ao responder.

#### 4.4 An3lise dos dados

As grava33es das tr3s entrevistas totalizaram 2h53min, resultando em 37 p3ginas de transcri33o. Para garantir o sigilo das pessoas entrevistadas, no decorrer deste

trabalho serão denominadas entrevistas 1, 2 e 3. A ordem dos números foi escolhida de acordo com a data em que as entrevistas aconteceram, não tendo nenhuma outra lógica por trás da escolha dos números. Nesta pesquisa serão utilizados apenas trechos das entrevistas para preservar a identidade das pessoas entrevistadas.

Convém lembrar que a análise dos dados deve ser planejada antes da coleta de dados, evitando-se (re)trabalho. A codificação pode acontecer antes ou depois da coleta de dados. Ao decidir pela pré-codificação, consideram-se campos próprios (Gil, 2002).

Ainda de acordo com Gil (2008), a gravação eletrônica é o melhor método de preservar o conteúdo da entrevista, sempre com o consentimento do entrevistado. Ao finalizar a entrevista, encerra-se de forma cordial, lembrando que o entrevistado forneceu informações sem receber qualquer tipo de vantagem.

Após a realização das entrevistas, o primeiro passo foi a transcrição de boa qualidade. Para realizar a transcrição da entrevista, ouve-se o áudio e digita-se a fala do entrevistado na íntegra. Tem-se a opção de utilizar o Ditado do Office (cujo atalho é Alt+), porém, neste caso, deve-se atentar aos vícios de linguagem. Para realizar ambas as opções é necessário escolher um local adequado, livre de barulho. Há, além da ferramenta própria do Microsoft Teams®, outros softwares que realizam a transcrição. Independentemente do método adotado para a transcrição, deve-se utilizar o mesmo método para todas as entrevistas.

O próximo passo é a análise das entrevistas, que é uma prática que auxilia o pesquisador a superar intuições ou impressões precipitadas. Nesse momento, o pesquisador deve ler toda a entrevista para familiarizar-se com o texto e "quebrá-lo" em partes para realizar a Análise de Conteúdo.

Para a análise das entrevistas deste trabalho foi utilizada a Análise de Conteúdo que, segundo Bardin (2021), é um recurso para tirar partido de um material dito "qualitativo" e indispensável. Nesse momento efetua-se a codificação (Unidade de Registro), que será analisada na entrevista, e a Unidade de Contexto. Após codificado, realiza-se a categorização de acordo com a fundamentação teórica.

Feita a análise das entrevistas, a pesquisadora confrontou os trechos da mesma com a fundamentação teórica a fim de verificar se as suas hipóteses iniciais foram confirmadas totalmente, parcialmente ou se não foram confirmadas para a elaboração das considerações finais.

Neste momento é possível surgirem novas hipóteses que podem fazer parte dos estudos do pesquisador em outros trabalhos futuros.

## 5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste capítulo são trazidos trechos das entrevistas que são confrontados com autores utilizados no referencial teórico. Para a análise das entrevistas utilizou-se a Análise de Conteúdo de Bardin (2021). A realização desta análise apoiou-se em três pilares centrais (aqui chamados de categorias): "papel da biblioteca", "espaços" e "inovação e tecnologia".

As pessoas entrevistadas atuam em universidades de Sorocaba-SP; todas as pessoas têm experiência mínima de oito anos de atuação como pessoa bibliotecária na mesma instituição. Isso lhes assegura um "lugar de fala", pois são capazes de trazer à tona o que vivenciaram e não o que lhes contaram.

Gerentes de bibliotecas são pessoas hiper ocupadas. A maioria das vezes não têm tempo para refletir sobre o seu trabalho e, em específico, sobre a estrutura que o sustenta. Estão sempre ligadíssimos no imediatismo de tarefas urgentes - que são constantes - e na cobrança delas decorrentes, que são para ontem (Maciel; Mendonça, 2006, p. 7).

### 5.1 Papel da Biblioteca

A biblioteca tem papel fundamental dentro da universidade. Deve servir como um parâmetro interno para a formação do estudante e prestar um serviço educacional à sua comunidade interna ao abrir suas portas à comunidade externa na qual está inserida. Nesse sentido, a entrevista 2 cita que a biblioteca em que atua atende à comunidade.

Temos muitas visitas da comunidade, dos estudantes de ensino médio, que são agendadas pelo setor de eventos. Temos praticamente uma visita por dia de grupos de alunos que estão no segundo ou no terceiro ano do colégio. As visitas são agendadas pelo setor de eventos, e um dos lugares de visitação é aqui na biblioteca. (Entrevista 2)

Discurso semelhante vem da entrevista 3, que cita que o atendimento à comunidade na universidade em que atua vai muito além de visitas de escolas de ensino médio e outras universidades e grupos de pessoas.

Estamos recebendo, o pessoal dos escoteiros de Sorocaba. Eles querem fazer uma parceria com o campus e a biblioteca. Quando eles fazem encontros dos escoteiros na universidade é com a participação da biblioteca. Essa é uma ação, por exemplo, de um grupo específico que está em contato conosco para trabalharmos juntos, e oferecer espaço, estrutura, conhecimento, treinamento. Enfim, tentamos fazer algo que agregue pra eles. (Entrevista 3)

Já na entrevista 1, a pessoa disse que apesar da universidade em que atua oferecer esse serviço, não o divulga para a comunidade.

A universidade não é muito de divulgar que abre o espaço para a comunidade. No site tem a informação, mas não é tão divulgado. São divulgados alguns serviços que são para a comunidade como, por exemplo, o atendimento de odontologia, fisioterapia, assistência jurídica, psicologia etc. Mas a questão do espaço da biblioteca não é muito divulgada. (Entrevista 1)

Segundo Lankes (2016), as bibliotecas universitárias proporcionam acesso a uma infinidade de recursos, permitindo o acesso público. Assim sendo, torna-se parte da educação dos cidadãos e visa uma participação democrática na sociedade que está inserida.

Ela desempenha, dessa forma, por menos que pareça, o papel essencial nas comunidades modernas; é em torno dela que circulam todas as outras correntes da existência social (Martins, 1998).

Os bibliotecários podem lhe contar histórias incríveis sobre pessoas que eles ajudaram. De salvar uma mulher de um relacionamento abusivo e ajudar um sem-teto a sair da miséria, a salvar a vida de um paciente com câncer e inspirar admiração em uma criança. As bibliotecas têm tido um impacto na vida das pessoas (Lankes, 2016, p. 48-49).

Ao relacionar a biblioteca às atividades educacionais, espera-se que a biblioteca promova, além do acesso ao acervo, o acesso a atividades culturais para que a comunidade na qual está inserida se sinta pertencente a esse espaço educacional. Isso foi confirmado na entrevista 3, onde a pessoa bibliotecária mencionou vários espaços educacionais, como oficina de origami e espaço para história em quadrinhos (HQ).

Criamos uma característica, uma marca, com itens feitos de origami 3D. Temos um espaço HQ, que é a nossa coleção de histórias em quadrinhos. É uma coleção especial, não é de livre acesso, acho que é uma das maiores coleções catalogadas tratadas biblioteconomicamente no país. A gente tem mais de 6.000 fascículos de HQs. (Entrevista 3)

A biblioteca universitária tem potencial para ser um ambiente híbrido com espaços de coworking, makerspaces e fab labs (Cassiavilani, 2020). Além de espaço para atividades culturais, a biblioteca deve pensar em um espaço para exposição de trabalhos dos alunos e/ou externos que tragam uma bagagem cultural a toda comunidade acadêmica. Isso é relatado nas três entrevistas, porém percebe-se que cada biblioteca vê ações como essas de uma forma diferente.

Estamos com uma exposição na sala de estudos, neste caso, cedemos apenas o espaço físico. É a primeira vez que tem uma exposição no espaço da biblioteca. Estão expostos alguns trabalhos dos alunos de Design. A orientadora desses trabalhos quis fazer nesse espaço. Ela falou com a equipe responsável pelo campus. Foi iniciativa da professora, e agora a responsável pelo campus pediu para pensarmos em mais ações desse tipo. (Entrevista 1)

Já a entrevista 2, além de contar com um espaço exclusivo para exposição na biblioteca, informa que há vários meios através dos quais os alunos podem se expressar.

Temos três formatos. Algumas exposições somos nós da biblioteca que organizamos e providenciamos. Outras é a comunidade que nos procura. Temos um setor de eventos na universidade, então, às vezes, as pessoas nos procuram diretamente, ou procuram o setor de eventos, e então trabalhamos juntos. Temos exposições externas e exposições internas que são realizadas pelos alunos, apresentações de trabalho de curso e de alunos que produzem arte e querem expor. (Entrevista 2)

Segundo Cassiavilani (2020), a biblioteca deve ser vista como um espaço que integra serviços. Oferece à sua comunidade recursos informacionais e informações relevantes a serviço da sociedade, além de ser um espaço destinado à aprendizagem e à pesquisa, o que é relatado nas entrevistas 2 e 3.

O aluno pode se deslocar para qualquer lugar (com acesso à internet)

que ele terá acesso à pesquisa, à aprendizagem, conforme desejar. Para fazer a seleção, precisará de direção e orientação, e a biblioteca é o espaço para isso, onde podemos orienta-lo. “comece por aqui, ou vá por esse caminho”, informar sobre o Portal da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior do Ministério da Educação), pois para acessar o portal da Capes ele precisa fazer um treinamento, senão ficará perdido com o volume de informações. (Entrevista 2)

Podemos perceber com o trecho mencionado que a biblioteca, apesar de apresentar muitas facetas, deve continuar sendo vista como um espaço de aprendizagem e pesquisa, e o profissional bibliotecário e sua equipe devem estar preparados para atender essa demanda. Isso também é constatado na entrevista 3.

Eu acredito que a primeira função da biblioteca universitária é dar suporte ao ensino e à aprendizagem. O que percebemos é uma mudança nas gerações com relação ao uso da biblioteca. O acervo hoje não é somente físico, não é a porta de entrada principal da biblioteca para os alunos. “Eu sempre digo que a gente enxerga a universidade pela janela da biblioteca, pelos olhos da biblioteca”. Isso define a qualidade e como a universidade se comporta a partir de como ela é. (Entrevista 3)

As bibliotecas universitárias são organizações complexas, no entanto seu propósito fundamental é proporcionar acesso ao conhecimento (Cunha, 2010), que acontece de diferentes formas, desde uma exposição, um espaço físico que conecta pessoas com interesses em comum, até o acesso a plataformas digitais de cunho científico. É também papel da biblioteca oferecer suporte físico ou digital aos cursos das universidades, ficando a cargo da equipe oferecer esse material, conforme relato da entrevista 1.

A gente oferece basicamente a bibliografia das disciplinas. Depois da pandemia eles têm dado mais prioridade para o virtual, para as bibliotecas virtuais. (Entrevista 1)

O serviço de referência nas bibliotecas é o ponto principal de contato para os estudiosos pedirem ajuda (Cunha, 2010). A biblioteca também oferece serviços de pesquisa a fim de auxiliar os alunos, o que é relatado na entrevista 1.

Realizamos a pesquisa bibliográfica para os alunos, principalmente da área da saúde, ele nos procuram bastante, nos solicitam materiais dentro de um determinado tema. Fazemos a pesquisa e enviamos. A ficha catalográfica hoje está sendo feita pelo site. Eu faço algumas

orientações com relação à normalização de TCC. Não faço a normalização em si, mas faço uma orientação. (Entrevista 1)

O profissional bibliotecário necessita de constante atualização e capacitação profissional dada a importância das questões técnicas da profissão (Salort, 2022). O bibliotecário e sua equipe devem ter a liberdade (que o bom senso da profissão lhes permite) de descartar de forma correta materiais desatualizados. A forma como esse descarte será feito deve fazer parte da política de desenvolvimento de coleções. Isso não acontece na biblioteca em que a pessoa da entrevista 1 atua.

Seria muito bom se pudessemos fazer o descarte de livros muito antigos, fazer uma renovação mesmo. Eu acho que a bibliografia dos cursos está um pouco defasada, pois solicita muito material antigo. Eu acho que precisaria de uma renovação de acervo muito grande. (Entrevista 1)

Todas as atividades desenvolvidas pelo bibliotecário são muito importantes, e a organização dos acervos que engloba o processamento técnico (catalogação, indexação, etc.) é fundamental para o bom atendimento (Salort, 2017, p. 67).

Outro papel da biblioteca, além de organizar e zelar pelo bom funcionamento, é manter o acervo atualizado. Isso quer dizer que a equipe deve prever a compra de livros físicos ou digitais da bibliografia básica e complementar dos cursos. Quando isso não é possível, solicita-se à coordenação de cursos que sugira outro título equivalente a fim do aluno ter acesso a um livro similar com o mesmo conteúdo. Essa é uma ação que foi mencionada nas entrevistas 2 e 3.

Analisamos o acervo físico e o digital, e em alguns momentos sinalizamos que o livro está esgotado. Então solicitamos para que efetuem a troca por outro título similar. (Entrevista 2)

Fazemos um trabalho de aproximação com os docentes. É um trabalho de formiguinha para que eles acessem o catálogo da biblioteca, nos questionem a respeito de livros. É um trabalho contínuo com o departamento de graduação. Fazemos esse trabalho com eles e em especial sou eu que trabalho com essa parte de formação, desenvolvimento de coleção. Eu desenvolvi uma planilha de análise do projeto pedagógico. Então temos sempre o controle do que tem, do que está no projeto pedagógico, não somente para MEC. Para que eles tenham conhecimento do que temos e do que não temos para trabalharem com as bibliografias dos cursos. (Entrevista 3)

É muito importante manter uma comunicação com os alunos para que eles conheçam não somente o acervo, mas todos os serviços e possibilidades que a biblioteca universitária pode oferecer, seja essa comunicação no formato físico ou virtual.

A pessoa da entrevista 2 faz na biblioteca em que atua um trabalho de boas-vindas aos calouros (todo semestre).

Nós fazíamos um folheto, informando que o aluno já estava com acesso a biblioteca podendo fazer empréstimos além de informações do acesso on-line das bibliotecas digitais. Atualmente, esta informação é enviada aos alunos por e-mail. Além da visita no espaço físico onde a gente expõe o que podemos oferecer. (Entrevista 2)

A biblioteca deve adotar os métodos de uma loja moderna, ou seja, qualquer trabalho que esteja sendo realizado deve ser interrompido para oferecer uma boa recepção e acolhimento (Ranganathan, 2009).

Além de todo esse serviço de atendimento ao aluno, o profissional bibliotecário é responsável pela conferência de bibliografia e organização para que tudo realmente funcione e para que existam planos alternativos caso algo falhe. Precisa planejar os serviços internos da equipe da biblioteca, afinal lidera uma equipe, algumas maiores, outras menores, porém todas com suas virtudes e desafios. Muitos fazem trabalhos que ficam nos bastidores e muitas das vezes não são vistos pelos próprios colegas de trabalho, como relatado na entrevista 2.

Têm pessoas que perguntam para mim. “O que é que vocês fazem na biblioteca?” Ai eu respondo: nem todo o acervo da biblioteca é digital. E vai continuar não sendo porque precisa de autorizações para você transformar a obra em digital. E nós da biblioteca, o que fazemos? Produzimos parte desse conhecimento e disponibilizamos. Trabalhamos com os repositório institucional. Tudo o que se publica na universidade é catalogado no repositório. É um serviço, ou seja, a pessoa que disponibiliza a informação está por trás do computador, porque ele (o computador) não faz tudo sozinho. Estamos trabalhando nisso. Onde mais a biblioteca trabalha? A biblioteca auxilia ou trabalha com quase todos os periódicos que se publicam na instituição. Começamos com o auxílio, a normalização até a publicação final do texto. Todo esse trabalho com os editores é feito pela biblioteca. Os eventos científicos produzem conhecimento, texto, material, que vão para o computador. Quem está fazendo isso? A biblioteca. Então a gente tem agora muito trabalho. (Entrevista 2)

Complementando a fala da entrevista 2, a entrevista 3 defende a atuação do bibliotecário na instituição. Este profissional deve reivindicar o seu lugar de fala dentro da instituição. Deve-se empoderar pela sua formação, pela qualidade do seu serviço e pela sua atuação profissional diante das adversidades.

Temos grandes exemplos de boas bibliotecas, de bons sistemas de bibliotecas que fazem a diferença, porque os profissionais ali são aguerridos. E aqueles que estão lá só cumprindo o papel dele de empréstimo, devolução, catalogação, faz uma recreação, é válido, mas eu acho que a gente pode muito mais. (Entrevista 3)

Deve-se levar em conta que bons profissionais trabalham com equipes de altaperformance. Isso foi relatado na entrevista 3.

Somos uma biblioteca diferenciada em termos de equipe, somos uma equipe muito qualificada. Falamos que somos uma ilha. Porque somos pessoas que pensam muito parecido, que temos a visão de mundo e de biblioteca muito parecida, então isso facilita o trabalho para gente colocar as coisas. (Entrevista 3)

O papel da biblioteca universitária é contribuir com a satisfação das necessidades relacionadas à informação de alunos, professores e de toda a comunidade escolar (Sene, 2014).

## 5.2 Espaços

O espaço da biblioteca tem-se modernizado ao longo dos anos. Da mesma forma que o ensino superior se expandiu no Brasil, a biblioteca teve que seguir um percurso semelhante. A pessoa da entrevista 1 cita que quando começou a trabalhar na instituição, o espaço era bem menor do que é atualmente.

Era uma estrutura bem precária, com acervo bem desatualizado. E aí eu fui “brigando” para melhorar. Já tinha um espaço que era para biblioteca, mas por conta de muitos alunos, acabou sendo adaptado para sala de aula. [...] nós viemos para esse espaço que estamos hoje, que é bem maior, bem melhor estruturado também. (Entrevista 1)

Discurso semelhante vem da entrevista 3, cujo prédio também foi, por certo tempo, utilizado como sala de aula no momento da implantação do campus universitário.

Dentro do campus todos os prédios de aula teórica não tinham sido construídos, então cedemos parte do prédio da biblioteca para salas de aula. Tínhamos um prédio, mas não ocupávamos todo esse prédio. Isso foi de [...] até [ ], porque a gente dividiu a biblioteca com salas de aula. Um período foi para aulas de graduação e depois um outro período para aulas de pós-graduação. Só a partir de [ ] que a gente ocupou todo o nosso prédio. (Entrevista 3)

Tendo em vista que este espaço é ainda dividido com a área de trabalho dos servidores e destinado ao acervo composto de livros, periódicos, teses, dissertações, etc. (Silva, 2019, p. 27). Embora seja relevante a expansão do ensino superior, sabe-se que o espaço físico nem sempre acompanha suas necessidades.

Os trechos das entrevistas apontam usos incomuns desses ambientes reservados para as bibliotecas. Além do espaço físico ser insuficiente para as ações educacionais, dava-se “mais ênfase” ao espaço para os livros que para as pessoas. Soma-se a isso a precariedade dos recintos em si. Na entrevista 1 é citado sobre esse ponto:

Como o espaço era muito pequeno precisávamos ampliar o acervo, ampliar o espaço para estudo, a motivação foi essa, ter um espaço mais adequado. Estava bem precário esse local, e por ele não ser térreo e não ter estrutura para aguentar uma biblioteca, tinha o risco de colapsar a estrutura. Então foi a questão de estrutura física, de ampliar espaços para estudos, de oferecer um espaço melhor para os alunos e de poder atualizar o acervo, adquirir mais livros. (Entrevista 1)

Uma outra questão que chama a atenção na fala da entrevista 1 é que o profissional bibliotecário não é “chamado” para dialogar sobre o espaço em que atua. Ficando o projeto exclusivamente na mão de arquitetos que não vivem aquela realidade.

O projeto da biblioteca em si foi desenvolvido pelo departamento de arquitetura da universidade. Então eles pegaram a planta e desenvolveram todo o projeto. (Entrevista 1)

Roger Chartier, Umberto Eco e Jean-Claude Carrière discutem as transformações nas práticas e hábitos de leitura que impactam no espaço físico das bibliotecas e na prática do profissional bibliotecário. As bibliotecas ainda estão ligadas à ideia de repositório de livros (Sarlori, 2017).

Eu vejo aqui que tem tido muito menos procura pelo material em si.  
(Entrevista 1)

A biblioteca deve atuar não somente como espaço físico reservado à leitura, mas principalmente como facilitadora na criação e troca de ideias (Brayner; Aquiles, 2018).

Alguns profissionais bibliotecários ainda estão atrelados a mostrar a sua qualidade com base na quantidade de livros físicos no acervo. Na entrevista 2 pode-se perceber que o espaço destinado ao acervo também já teve no passado um papel relevante.

Quando nós inauguramos o prédio, nós tínhamos uma biblioteca física, então nós tínhamos o acervo físico, que era distribuído em quase todos os andares. (Entrevista 2)

Por muito tempo as bibliotecas se preocuparam com seus acervos físicos e digitais, fazendo-se necessário um olhar cuidadoso para seus espaços e serviços. Não se pretende aqui apontar que os espaços tradicionais deixem de existir, mas que tenham equilíbrio com as novas tendências preconizadas na literatura (Cassiavilani, 2020).

Segundo Lankes (2016), de um acervo apenas 20% são utilizados pelos alunos; os outros 80% ocupam um espaço que poderia ser utilizado para outras funções que não diretamente o livro físico. Isso é algo confirmado nas entrevistas.

Era um projeto que já existia antes da pandemia e que se intensificou. Quando o aluno voltou ele estava muito mais digital. (Entrevista 2)

A gente está priorizando hoje o espaço para os usuários em vez do espaço para o acervo. (Entrevista 3)

Com base na estatística mencionada e nos empréstimos de materiais físicos, a pessoa da entrevista 3 tomou algumas decisões referentes à organização de layout do espaço físico.

A gente já reorganizou o layout e está prestes a reorganizar novamente [...], Mas, enfim, a gente tem que ser criativo dentro daquele espaço para tentar ocupar da melhor forma que a gente consegue (Entrevista 3).

Em grande parte das bibliotecas, infelizmente, tem-se um problema crônico com chuvas. Os dias de chuva são um transtorno. Transitar pelo espaço se torna uma aventura labiríntica entre baldes e sacos plásticos, deixando o espaço interdito parcialmente (Silva, 2018). O problema foi relatado na entrevista 3. Porém o profissional e a equipe conseguem que esses obstáculos não afetem a qualidade de suas entregas.

Apesar de chover dentro da biblioteca, estamos lá! Do mesmo jeito que estamos tirando o balde de água dentro da biblioteca, estamos de salto alto, falando para 600 alunos ou ministrando cursos on-line. O Brasil inteiro participa dos cursos que a gente oferece. E aí, meia hora antes estávamos de chinelo, tirando a água da biblioteca. Temos um problema sério com relação a isso. (Entrevista 3)

O profissional da entrevista 3 comentou que tem na biblioteca um espaço denominado “desativação do estresse” para os alunos relaxarem.

Temos um espaço que chamamos de “desativação do estresse com pufes para que os alunos tenham um espaço de descanso, porque no nosso campus não há espaços cobertos coletivos. Não tem uma grande área de vivência. Então a biblioteca acaba ocupando esse lugar. (Entrevista 3)

Reorganizar o espaço para atender melhor o aluno faz parte do fazer profissional do bibliotecário. Sendo assim, é necessário que o ambiente seja propício para a interação e compartilhamento de ideias. De qualquer forma, cada profissional tem o seu espaço preferido dentro da biblioteca conforme relata a entrevista 2.

Então, primeiro vou defender aqui o espaço físico da biblioteca porque ainda tem bastante gente que prefere folhear o livro ao livro digital. Eu sou uma que ainda prefiro também. (Entrevista 2)

A visão do uso do espaço para atendimento à comunidade atual, e não unicamente para guardar grandes acervos, tem a ver com o perfil de “bibliotecário democrático”, que tem o compromisso de facilitar o acesso à informação a fim de repensar estratégias para a interação entre comunidade e acervo. Do outro lado dessa lógica estaria o “bibliotecário burocrata”, que se ocupa apenas em proteger o

acervo (Brayner; Aquiles, 2018).

Na maioria dos currículos de formação de bibliotecários não se observa o lado social da atuação, ficando atrelada a um conservadorismo profissional. Enfatizam o acervo, mas não a comunidade (Lankes, 2016).

Deve-se levar em conta que em um espaço coletivo não se pode colocar as prioridades individuais acima da prioridade do coletivo. À vista disso, a entrevista 3 traz uma resposta ao falar de ampliações de acordo com as preferências de uso dos estudantes.

Inauguramos este ano uma sala de jogos, que faz muito sucesso. Esta sala pegou um pedacinho pequeno de uma sala e a gente já está com projeto para ampliar. Então temos um espaço para eles ficarem, para eles circular, descansar e jogar. (Entrevista 3)

As bibliotecas, por serem consideradas espaços compartilhados, devem pensarem ações que “aproximem” pessoas de interesse comum, criando de forma involuntária um ambiente propício para que o profissional bibliotecário atue como mediador e facilitador (Cassiavilani, 2020).

Na biblioteca que o profissional da entrevista 3 atua, nota-se que o livro já não é mais o protagonista do espaço. O livro tem e continuará tendo o seu valor, porém livros sem pessoas são somente páginas de uma história que ninguém irá ler um dia. Sendo assim, as bibliotecas devem prever em seus espaços físicos outras atividades, como as que estimulam os alunos a prototipar.

Estamos prevendo um espaço de coworking para trabalhos com empresas de prototipagem. A gente tem este espaço previsto. Estão nas metas de curto, médio prazo. (Entrevista 3)

Cassiavilani (2020) afirma que os espaços devem ser descontraídos e acolhedores, além de proporcionarem o encontro de pessoas e troca de experiências. Um exemplo citado pela autora é a biblioteca de Chattanooga, no estado americano do Tennessee, que desocupou um andar inteiro de acervo para proporcionar à sua comunidade um espaço de colaboração e interação. No local é possível que as pessoas trabalhem em projetos, se interessem em abrir um negócio, além de ocorrerem oficinas para toda a comunidade. Identifica-se também um novo perfil de aprendizagem - a aprendizagem coletiva.

Ação semelhante vem da biblioteca de Dallas, que optou por trocar estantes por mesas e quadros e convidou empreendedores para utilizarem o espaço sem cobrança financeira. A intenção dessa ação é que eles utilizem o espaço coletivo da biblioteca para terem as suas ideias (Lankes, 2016).

Segundo na contramão, a pessoa da entrevista 2 demonstra ter o espaço sob nova configuração, mas aparentemente essa mudança ainda não foi totalmente assimilada em suas práticas cotidianas.

A parte que se diferenciou bastante foi a questão de os espaços serem interessantes, bonitos, convidativos. Só que é difícil manter aquele silêncio anterior que nós tínhamos. Aquele silêncio que tinha na biblioteca não tem mais. Claro que a gente deixa recadinhos ou vai chamando a atenção do pessoal que se exalta um pouco mais, mas o silêncio a gente já não tem mais. (Entrevista 2)

Segundo Maciel e Mendonça (2006), vivemos nas bibliotecas realidades diferentes. Atualmente muitas estão inseridas no virtual com acesso à internet e publicações eletrônicas enquanto outras ainda estocam livros para empréstimo ou consulta. Todo esse movimento com pessoas se conectando umas com as outras desagrada a uma parcela dos profissionais, acostumados com livros e silêncio absoluto. Entretanto a conversa e o barulho parecem fazer parte da nova realidade da biblioteca:

Esse espírito de *start-up* não se limita às bibliotecas públicas. A Escola de Estudos da Informação da Universidade de Syracuse tem uma forte ênfase nas *start-ups*, muitas vezes reunindo graduandos de todo o campus em grupos de geração de ideias e negócios. Os bibliotecários sentam com esses grupos para fazer análise competitiva de mercado e pesquisar inovação das ideias. Nas empresas de todo o país, os bibliotecários corporativos estão quebrando patentes, avaliando a competitividade e fornecendo capacitação contínua a advogados, médicos e fabricantes de computadores para alavancar os seus negócios (Lankes, 2016, p. 37).

Ainda segundo Cassiavilani (2020) é fundamental que o design de biblioteca contemple espaços que estimulem a inovação e a criatividade.

Em uma época em que instituições tradicionais estão declinando, a utilização da biblioteca tem crescido constantemente nos últimos vinte anos (Lankes, 2016). Assim fica evidente que o espaço tem sido atualizado para incluir novas iniciativas, como as *start-ups*. Entretanto ainda é necessário pensar na nova função do

profissional bibliotecário nesse espaço, que já não é mais silencioso e sim um espaço de conexão de pessoas e ideias. Brayner (2018, p. 193) traz outro exemplo:

A Biblioteca Pública de Kista, localizada no subúrbio da capital sueca, foi eleita, em 2015, a melhor biblioteca do mundo. O que a levou a alcançar tal título? Três elementos – beleza, funcionalidade e empatia –, que, no fundo, se reduzem a um único: compromisso estético.

O novo ambiente deve ser um ponto de encontro social, um pouco barulhento, com muito café. Na prática, muitas bibliotecas estão removendo suas estantes e abrindo caminhos para recintos como lounge, sofás e salas de reuniões que funcionam como uma grande oficina comunitária. Ao percorrer a literatura da área, encontram-se inúmeras referências sobre a necessidade de se repensar os ambientes e os serviços das bibliotecas (Cassiavilani, 2020).

Os espaços físicos das bibliotecas precisam se adaptar para atender as exigências da comunidade na qual está inserida. Na nova configuração, as pessoas têm mais autonomia; o profissional bibliotecário passa a atuar nos bastidores e entra em cena somente se for solicitado.

### **5.3 Inovação e Tecnologia**

A inovação e a tecnologia são ferramentais presentes no cotidiano das pessoas. Isso torna a atuação do bibliotecário ainda mais importante. A biblioteca, ao oferecer esse tipo de serviço, vai muito além de sua função tradicional, pois promove com isso o incentivo ao empreendedorismo, mencionado nas entrevistas 2 e 3.

Hoje em dia quando vamos aos grandes supermercados, passamos por uma série de vitrines de lojas até chegar de fato ao supermercado. Tem restaurante, café. Na biblioteca ficou interessante este espaço. A pessoa vem até a biblioteca e no meio do caminho tem um item para venda. Pode usar o computador, tem tomada se precisar, e se quiser pode, inclusive, emprestar um livro. (Entrevista 2)

Estamos prevendo um espaço diferenciado, um coworking. Para reuniões de empresas que trabalham com prototipagem. (Entrevista 3)

A pandemia de covid-19 intensificou o uso de tecnologias digitais no Brasil. Em 2019, tínhamos 71% dos domicílios com acesso à internet; em 2020 esse percentual passou para 83%, o que significa que a internet chegou em 61,8 milhões de domicílios (Nitahara, 2021). Com essa aceleração, algumas bibliotecas, principalmente as universitárias, realizaram assinaturas de bases de dados para acesso de alunos e professores, fato relatado pelas entrevistas 2 e 3.

Em [...?], fizemos a primeira assinatura de acervo on-line. Até então, o que nós tínhamos eram algumas assinaturas de periódicos on-line. Só não tínhamos acervo on-line. Foi a partir de [...?], que começou esse processo. Assinamos a primeira biblioteca digital que foi a Pearson. Depois assinamos a “minha biblioteca. Em [...?], estava iniciando o uso da biblioteca digital, mas como eles estavam fisicamente na instituição, eles preferiam o livro do acervo impresso, veio a pandemia que mudou tudo. (Entrevista 2)

Durante a pandemia, em 2021, a universidade assinou a Biblioteca Virtual Pearson para poder dar conta das demandas dos alunos referente ao uso do acervo para as aulas do formato remoto. (Entrevista 3)

Para acessar informações científicas, disponível em livros ou periódicos, o pesquisador não precisa estar em uma biblioteca física; o acesso pode ser feito de qualquer local com um equipamento conectado à internet (Sarlot, 2027).

O acesso on-line facilita, pois o aluno não precisa se deslocar até a universidade fisicamente, podendo acessar o material a qualquer hora, de qualquer dispositivo com acesso à internet, o que é relatado pela entrevista 1.

Às vezes, o aluno não tem disponibilidade para vir fazer empréstimo, ou mesmo para aluno EAD, porque é muito mais cômodo. (Entrevista 1)

Uma “biblioteca eletrônica sem muros” já é uma realidade que ameaça a ideia tradicional de biblioteca e transforma as práticas profissionais nesse ambiente (Salort,2017).

Com o texto digital as pessoas não precisam frequentar fisicamente os espaços públicos como a biblioteca, a universidade e até mesmo a escola para terem acesso ao conhecimento registrado; podem fazê-lo sem sair de casa, através de um dispositivo móvel ou de um terminal de computador conectado em rede (Salort, 2017, p. 24).

É papel da universidade, além de oferecer materiais em formato digital, oferecer infraestrutura tecnológica que comporte computadores com acesso à internet e rede wi-fi. Infelizmente, uma das entrevistas relata muitas dificuldades que são enfrentadas pelos alunos diariamente.

São cinco computadores para um número muito grande de alunos. A biblioteca tem um sério problema com o sinal de wi-fi. (Entrevista 1)

O bibliotecário deve ter conhecimento em base de dados. Deve se aproveitar dos avanços tecnológicos para capacitar a sua comunidade. Os profissionais devem ser considerados agentes de mudança. Apesar de estarmos na era digital, ainda é um desafio conectar pessoas à internet (Nogueira, 2020).

Agora com digital ele pode se deslocar para casa, para qualquer lugar e continuará tendo acesso à pesquisa, à aprendizagem, conforme desejar. Vai precisar ter um filtro para aquilo que procura, porque senão vai encontrar muita dificuldade. Então, para você selecionar, você precisa de uma direção, precisa de uma orientação, e a biblioteca é esse espaço para isso. É esse espaço onde a gente pode orientar. Olha, comece por aqui, vai por esse caminho. Tem o portal da CAPES, onde você tem uma forma de pesquisa também. Só que mesmo o portal da Capes, você precisa fazer um treinamento. Senão você fica perdido com tanta informação que aparece. (Entrevista 2)

O profissional da entrevista 2 aponta os impactos do digital dentro da estruturada biblioteca física.

O digital dentro da biblioteca é um caminho sem volta! Não conseguimos mais ficar somente com o físico. Tem muito material que não adquirimos impresso pois está na biblioteca virtual. Antes da pandemia, o MEC aceitava a indicação de bibliografia digital desde que tivesse no mínimo 2 exemplares no acervo físico. Com a pandemia esta exigência caiu então é possível montar uma bibliografia de curso somente com livros da biblioteca digital. (Entrevista 2)

Apesar de todo o esforço para adquirir bases de dados e fazer treinamento para auxiliar uma juventude que já nasceu com acesso à internet, muitos estudantes ainda preferem o livro físico. Isso é relatado na entrevista 3.

O uso do acervo digital, e-books, BV Pearson ou que a gente tem de assinatura virtual, o acesso é baixo. Tem sempre aqueles usuários

que preferem, mas a maioria dos alunos, do retorno que a gente tem, é um contrassenso. São nativos digitais, mas que preferem estudar no livro impresso. Então percebemos essa dicotomia da geração. Às vezes, a gente fala que os alunos que estão entrando vão preferir tudo no digital, mas não. Ele é nativo digital de rede social, de fazer pesquisa no Google, mas na hora de estudar mais profundamente eles preferem o livro impresso. Isso é uma percepção que tem já há algum tempo. (Entrevista 3)

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa tem como objeto geral analisar, sob a perspectiva dos bibliotecários, o espaço físico da biblioteca universitária na concepção do novo paradigma da biblioteca física como espaço ativo de aprendizagem e suas funções multivariadas. Entende-se a biblioteca universitária como parte do cotidiano escolar das IES.

Para a composição deste estudo realizou-se pesquisa bibliográfica sobre o ensino superior e a biblioteca, com ênfase à modalidade universitária e ao profissional bibliotecário diante das mudanças que aconteceram na Antiguidade e continuam a acontecer nos dias atuais, alavancadas pelo avanço das tecnologias. Após, com a intenção de fazer relação das falas das entrevistas com o referencial teórico exposto anteriormente, partiu-se para as entrevistas com bibliotecárias de universidades localizadas na cidade de Sorocaba.

Feito isso, percebe-se que além dos objetos gerais, os objetivos específicos também foram atingidos, pois identificou-se, através das entrevistas, que essas bibliotecas buscam se reinventar a fim de engajar seus alunos.

Em algumas entrevistas percebe-se um profissional bibliotecário comprometido e suas percepções referentes ao espaço físico, além de identificar tendências referentes ao futuro desse espaço nas bibliotecas universitárias.

Ao estudar sobre ensino superior pode-se comprovar que a evolução das universidades exerceu, e ainda exerce, papel significativo na evolução das bibliotecas, que são verdadeiras sobreviventes, pois se adaptaram e se transformaram de acordo com a evolução da sociedade, enfrentando desafios como orçamentos escassos, estruturas precárias e desvalorização de órgãos governamentais, que dificultam o avanço e a visibilidade do profissional bibliotecário.

Constata-se que a biblioteca tem na sociedade um papel interdisciplinar que exige dos profissionais atuantes um certo dinamismo para atender as demandas da comunidade na qual está inserida.

As bibliotecas devem prever espaços coletivos que estimulem a aprendizagem autônoma, a proatividade e os espaços colaborativos. Precisam permitir o relaxamento e a convivência como parte do processo criativo para promover acesso à cultura e a programas diversificados de serviços e eventos.

Necessitam prever ambientes que estimulem as relações interpessoais e o acesso a plataformas digitais.

As bibliotecas devem dispor de profissionais bibliotecários que atuem com uma equipe multidisciplinar e que insiram o aluno como sujeito protagonista, com visões críticas e reflexivas a partir de estímulos de aprendizagem para construir sua própria base de conhecimento. Necessitam contar com serviços educacionais como treinamentos sobre a aplicação da ABNT, atendimento individual para auxílio à pesquisa, além de oficinas para utilização de serviços digitais.

A tendência da biblioteca universitária é atender às necessidades das pessoas e despertar nelas o interesse em frequentar um espaço de convívio social. Os livros impressos ainda desempenham papel significativo no suporte ao aluno, porém a tecnologia e os livros digitais “entram em cena” para adicionar conhecimento e acesso, pois as pessoas se conectam com esse material sete dias por semana, 24 horas por dia, desde que tenha acesso à internet.

A comunidade acadêmica, desde que tenha acesso à internet carrega uma biblioteca em seu dispositivo, ficando o espaço físico com outras responsabilidades que transcendem apenas o “empréstimo de livros”.

As bibliotecas universitárias, além de serem espaços regulamentados pelo Ministério da Educação, são parte essencial no processo de ensino e aprendizagem, o que amplia a sua função na sociedade, que é também conectar pessoas e ideias. Sendo assim, espera-se que o profissional bibliotecário se posicione e aproveite as oportunidades para demonstrar seus conhecimentos. Além disso, deve ser proativo, comunicativo, crítico e flexível para acompanhar as transformações tecnológicas e manter-se inserido no mercado de trabalho. Precisa ter em mente que está em suas mãos a chave para que a biblioteca seja um espaço bem-sucedido dentro da instituição em que atua.

Para pesquisas futuras, com o avanço cada vez mais crescente da Educação a Distância, sugere-se que esse ambiente seja analisado em função do avanço das bibliotecas digitais.

Será que os novos espaços estão preparados para atender alunos de forma remota com a mesma qualidade do atendimento presencial? Estão os bibliotecários preparados para trabalhar de forma remota com tecnologias cada vez mais avançadas e que transcendem os conhecimentos básicos em informática?

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Formação, formatação: profissionais da informação produzidos em série. *In*: VALENTIM, Marta Lígia (org.). **Formação do profissional da informação**. São Paulo: Polis, 2002. p. 133-148.
- ALVES, João Roberto Moreira. A história da EAD no Brasil. *In*: LITTO, Fredric Michael; FORMIGA, Manuel Marcos Maciel (org.). **Educação a distância: o estado da arte**. São Paulo: Pearson, 2009. p. 9-13. *E-book*. Disponível em: [https://www.abed.org.br/arquivos/ESTADO\\_DA\\_ARTE\\_1.pdf](https://www.abed.org.br/arquivos/ESTADO_DA_ARTE_1.pdf). Acesso em: 20 dez. 2023.
- ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Atlas, 2003. 174 p.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação e da Pedagogia: geral e Brasil**. 3. ed. rev. ampl. São Paulo: Moderna, 2006. 384 p.
- AUDY, Jorge Luis Nicolas. Entre a tradição e a renovação: os desafios da universidade empreendedora. *In*: MOROSINI, Marília (org.). **A universidade no Brasil: concepções e modelos**. Brasília, DF: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2011. *E-book*. Disponível em: [http://download.inep.gov.br/publicacoes/diversas/temas\\_da\\_educacao\\_superior/a\\_universidade\\_no\\_brasil\\_concepcoes\\_e\\_modelos.pdf](http://download.inep.gov.br/publicacoes/diversas/temas_da_educacao_superior/a_universidade_no_brasil_concepcoes_e_modelos.pdf). Acesso em: 20 jan. 2024.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2021. 281 p.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Rio de Janeiro: Vozes, 2015. 520 p.
- BRASIL. Decreto nº 56.725, de 16 de agosto de 1965. Regulamenta a Lei nº 4.084, de 30 de junho de 1962, que dispõe sobre o exercício da profissão de Bibliotecário. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, Seção 1, 19 ago. 1965, p. 8366. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1960-1969/decreto-56725-16-agosto-1965-397075-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 27 jan. 2024.
- BRASIL. **Lei nº 4.084/12, de 30 de junho de 1962**. Dispõe sobre a profissão de bibliotecário e regula seu exercício. Brasília, DF: Presidência da República, 1962. Disponível em: <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=4084&ano=1962&ato=8abITT61kMVRVTad8>. Acesso em: 25 jan. 2024.
- BRASIL. Ministério do Trabalho. **Portaria ministerial nº 397, de 9 de outubro de 2002**. Aprova a Classificação Brasileira de Ocupações - CBO/2002, para uso em todo o território nacional e autoriza a sua publicação. Brasília, DF: Ministério do Trabalho, 2002. Disponível em: [http://www.mtecbo.gov.br/cbsite/pages/pesquisas/ResultadoOcupacaoMovimenta\\_cao.jsf](http://www.mtecbo.gov.br/cbsite/pages/pesquisas/ResultadoOcupacaoMovimenta_cao.jsf). Acesso em: 27 jan. 2024.

BRAYNER, Cristian. **A Biblioteca de Foucault**: reflexões sobre ética, poder e informação. São Paulo: É realizações, 2018. 287 p.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia**: de Gutenberg à internet. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2016. 427 p.

CABRAL, Viviane de Holanda. **A biblioteca no contexto da cultura maker**: tendências e possibilidades em bibliotecas universitárias. 2021. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2021. Disponível em: [https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/60332/5/2021\\_dis\\_vhcabral.pdf](https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/60332/5/2021_dis_vhcabral.pdf). Acesso em: 4 set. 2022.

CAMPBELL, James W. P.; PRYCE, Will. **A biblioteca**: uma história mundial. São Paulo: Edições SESC, 2015. 328 p.

CARNOY, Martin *et al.* **Expansão das universidades em uma economia global em mudança**: triunfo dos BRINC? Brasília, DF: CAPES, 2016. 435 p.

CARVALHO, Maria Carmen Romcy de. **Estabelecimento de padrões para bibliotecas universitárias**. Fortaleza: Edições UFC, 1981. 72 p.

CARVALHO, Renata Innecco Bittencourt. **Universidade midiaticizada**: o uso da televisão e do cinema na Educação Superior. Brasília, DF: Senac-DF, 2007. 171 p.

CASSIIVILANI, Camila. **Starteca**: participação ativa da biblioteca universitária na constituição da universidade empreendedora. 2020. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/12411/20200407-versão-final-folha-aprovação.pdf?sequence=2&isAllowed=y>. Acesso em: 4 set. 2022.

CERIGATTO, Mariana Picaro *et al.* **Introdução à educação a distância**. Porto Alegre: Sagra, 2018. *E-book*.

CUNHA, Luiz Antônio. **A universidade temporã**: o ensino superior, da Colônia à Era Vargas. 3. ed. rev. São Paulo: Ed. UNESP, 2007a. 305 p.

CUNHA, Luiz Antônio. **A universidade crítica**: o ensino superior na república populista. 3. ed. São Paulo: Ed. UNESP, 2007b. 216 p.

CUNHA, Murilo Bastos da. A biblioteca universitária na encruzilhada. **DataGramaZero**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 6, dez. 2010. Disponível em: [http://icts.unb.br/jspui/handle/10482/14869?locale=pt\\_BR](http://icts.unb.br/jspui/handle/10482/14869?locale=pt_BR). Acesso em: 12 jan. 2024.

DELORS, Jacques. **Educação**: um tesouro a descobrir. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2001. 288 p.

DIÓGENES, Fabiane Castelo. **Os novos papéis da biblioteca universitária**. 2012. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade de Brasília,

Brasília, DF, 2012. Disponível em:  
<http://repositorio.unb.br/jspui/handle/10482/12305>. Acesso em: 2 jan. 2024.

DURHAM, Eunice R. A autonomia universitária: extensão e limites. *In*: STEINER, João E.; MALNIC, Gerhar (org.). **Ensino Superior**: conceito & dinâmica. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. p. 79-124.

ENDEAVOR; SEBRAE. **Empreendedorismo nas universidades brasileiras**: professores mais satisfeitos que alunos. São Paulo: Endeavor Brasil, 17 out. 2016; atual. 18 nov. 2016. Disponível em:  
<https://endeavor.org.br/ambiente/pesquisa-universidades-empreendedorismo-2016/>. Acesso em: 6 jan. 2024.

FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque. A Universidade no Brasil: das origens à Reforma Universitária de 1968. **Educar**, Curitiba, n. 28, p. 17-36, 2006. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/er/a/yCrwPPNGGSBxWJCmLSPfp8r/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 31 jan. 2024.

GALINDO, Marcos. Biblioteca como éthos. *In*: BRAYNER, Cristian. **A Biblioteca de Foucault**: reflexões sobre ética, poder e informação. São Paulo: É Realizações, 2018. p. 11-15.

GAMA, Merabe Carvalho Ferreira da; SOUSA, Letícia Lima de. Inovação, lazer e informação na biblioteca universitária: o projeto *Bibliobreak*. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 15, p. 203–217, 2019. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/127550>. Acesso em: 26 jul. 2023.

GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. **História da educação**. 2. ed. rev. São Paulo: Cortez, 2000. 240 p.

GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. **História da educação brasileira**. São Paulo: Cortez, 2006. 272 p.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 175 p.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. 200 p.

GOMES, Sônia de Conti. **Bibliotecas e sociedade na Primeira República**. São Paulo: Pioneira, 1983. 100 p.

GUEDES, Luís. **Criatividade, modelos mentais e inovação**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2017.

JACOB, Christian. Prefácio. *In*: JACOB, Christian; BARATIN, Marc (dir.). **O poder das bibliotecas**: a memória dos livros no Ocidente. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006. p. 9-17.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1993.

LANKES, R. David. **Expect more**: melhores bibliotecas para um mundo complexo. São Paulo: FEBAB, 2016. 176 p.

LATOURE, Bruno. Redes que a razão desconhece: laboratórios, bibliotecas, coleções. *In*: JACOB, Christian; BARATIN, Marc (dir.) **O poder das bibliotecas**: a memória dos livros no Ocidente. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006. p. 21-44.

LESSA, Bruna; GOMES, Henriette Ferreira. A biblioteca pública como um empório de ideias: evidências do seu lugar na sociedade contemporânea. **Informação & Sociedade**: Estudos, João Pessoa, v. 27, n. 1, p. 35-46, jan./abr. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/ies/issue/view/1862>. Acesso em: 12 jan. 2024.

LUBISCO, Nídia M. L. O seminário avaliação da biblioteca universitária brasileira. *In*: LUBISCO, Nídia M. L. (org.). **Biblioteca universitária**: elementos para o planejamento, avaliação e gestão. Salvador: EDUFBA, 2011. p. 17-88.

LYONS, Martyn. **Livro**: uma história viva. São Paulo: Editora Senac SP, 2011. 224p.

MACIEL, Alba Costa; MENDONÇA, Marília Alvarenga Rocha. **Bibliotecas como organização**. Rio de Janeiro: Interciência, 2006. 94 p.

MARCOVITCH, Jacques. Eleições na Universidade. *In*: STEINER, João E.; MALNIC, Gerhar (org.). **Ensino Superior**: conceito & dinâmica. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. p. 65-78.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita**: história do livro, da imprensa e da biblioteca. 3. ed. rev. atual. São Paulo: Ática, 1998. 519 p.

MATUDA, Fernanda Guinoza. **Telecentros comunitários como espaços de educação especial**. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-05112009-142550/pt-br.php>. Acesso em: 28 dez. 2023.

MELO, Adriana; ABELHEIRA, Ricardo. **Design thinking & thinking design**: metodologia, ferramentas e reflexões sobre o tema. São Paulo: Novatec, 2015. 203p.

MILANESI, Luís. **O que é biblioteca**. São Paulo: Brasiliense, 1983. 107 p.

MILL, Daniel. A Universidade Aberta do Brasil. *In*: LITTO, Fredric Michael; FORMIGA, Manuel Marcos Maciel (org.). **Educação a distância**: o estado da arte 2. São Paulo: Pearson, 2012. *E-book*. p. 280-292. Disponível em: [https://www.abed.org.br/arquivos/ESTADO\\_DA\\_ARTE\\_2.pdf](https://www.abed.org.br/arquivos/ESTADO_DA_ARTE_2.pdf). Acesso em: 20 dez. 2023.

MIRANDA, Antonio. Biblioteca universitária no Brasil: reflexões sobre a problemática. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 1, 1978, Niterói. **Anais** [...]. Niterói: MIC/UFF, 1978. p. 175-189. Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/3427>. Acesso em: 31 jan. 2024.

MOITA, Filomena Maria Gonçalves da Silva Cordeiro; ANDRADE, Fernando César Bezerra de. Ensino-pesquisa-extensão: um exercício de indissociabilidade na pós-graduação. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 41, p. 269-393, maio/ago. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/gmGjD689HxfJhy5bgkz6qr/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 27 jan. 2024.

MORAES, Rubens Borba de. **Livros e bibliotecas no Brasil colonial**. 2. ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2006. 259 p.

MORAN, J. M. **O que é educação a distância**. 2002. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/dist.pdf>. Acesso em: 18 dez. 2023.

NITAHARA, Akemi. Estudo mostra que pandemia intensificou o uso de tecnologias digitais: desigualdades de inclusão digital foram acentuadas. **Agência Brasil**, Rio de Janeiro, 25 nov. 2021. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2021-11/estudo-mostra-que-pandemia-intensificou-uso-das-tecnologias-digitais>. Acesso em: 4 fev. 2024.

NOGUEIRA, Cibele Andrade. **Inovação pelo design thinking no contexto de unidades de informação**: o caso da Biblioteca Central da UFGD. 2020. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/bitstream/prefix/2981/1/UEL%20-%20CibeleAndradeNogueira.pdf>. Acesso em: 4 set. 2022.

NUNES, Martha Suzana Cabral; CARVALHO, Kátia de. As bibliotecas universitárias em perspectiva histórica: a caminho do desenvolvimento durável. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 21, n. 1, p. 173–193, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/23050>. Acesso em: 2 jan. 2024.

OLIVEIRA, Édison Trombeta de. **EaD e ambientes virtuais de aprendizagem**: dimensões orientadoras para seleção de mídias. 2019. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-04112019-163653/publico/EDISON\\_TROMBETA\\_DE\\_OLIVEIRA\\_rev.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-04112019-163653/publico/EDISON_TROMBETA_DE_OLIVEIRA_rev.pdf). Acesso em: 12 nov. 2023.

OLIVEIRA, Édison Trombeta de; RIBEIRO, Alda Inês Miranda. **Memórias docentes sobre o início da Unesp em Presidente Prudente**: busca por meio de imagens (1975-1980). Curitiba: CRV, 2020. 258 p.

ORGANIZAÇÃO PARA COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO (OECD).

**Manual de Oslo:** diretrizes para coleta e interpretação de dados sobre inovação. 3. ed. Rio de Janeiro: FINEP, c1997. Disponível em:

<https://www.finep.gov.br/images/apoio-e-financiamento/manualoslo.pdf> . Acesso em: 6 jan. 2024.

PAIVA, Cláudia Gizelle Teles. **Entre jornais, livraria e gabinetes de leitura:**

acirculação dos romances-folhetins camilianos no Pará oitocentista. 2016.

Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2016.

Disponível em:

[https://repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/8185/1/Dissertacao\\_EntreJornaisLivrarias.pdf](https://repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/8185/1/Dissertacao_EntreJornaisLivrarias.pdf) . Acesso em: 2 jan. 2024.

PILETTI, Claudino; PILETTI, Nelson. **História da educação:** de Confúcio a Paulo Freire. São Paulo: Contexto, 2012. 270 p.

PROFETA, Guilherme Augusto Caruso. Afinal, para que servem os museus?

**UNISOCiência**, Sorocaba, n. 22, jan. 2023. Disponível em:

<https://uniso.br/assets/docs/unisociencia/tabloide-ed-22.pdf> . Acesso em: 2 jan. 2024.

PROFETA, Guilherme Augusto Caruso. **Educação, alteridade e jornalismo em perspectiva etnográfica.** Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de Sorocaba, Sorocaba, 2021. Disponível em:

<https://uniso.br/mestrado-doutorado/educacao/teses/2021/quilherme-augusto-caruso-profeta.pdf> . Acesso em: 27 dez. 2023.

RANGANATHAN, S. R. **As cinco leis da biblioteconomia.** Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2009. 336 p.

ROSA, Ana Claudia Martins; OLIVEIRA, Édison Trombeta de. Inovação na Biblioteca Universitária: um olhar além do óbvio. *In: ENCONTRO DE PESQUISADORES EM EDUCAÇÃO ESCOLAR*, 1., 2022. **Anais eletrônicos [...]**. Sorocaba: Uniso, 2022. p. 1-24. Tema: GT Práticas Educativas. Disponível em:

<https://uniso.br/home/gts-epes-2022> . Acesso em: 9 jun. 2023.

ROSSI, Tatiana *et al.* Serviços inovadores em bibliotecas universitárias.

**Informação & Informação**, Londrina, v. 25, n. 2, p. 403-429, abr./jun. 2020.

Disponível em:

[https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/38480/pdf\\_1](https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/38480/pdf_1) .

Acesso em: 26 jul. 2023.

SALORT, Shirlei Galarça. **A biblioteca e o bibliotecário em tempos de cibercultura:** espaços e práticas. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2017. Disponível em:

<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/158546/001021564.pdf?sequence=1&isAllowed=y> . Acesso em: 4 set. 2022.

SANTANA, Flávia Feitosa. **A dinâmica da aplicação do termo qualidade na educação superior brasileira.** São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007. 246 p.

SANTOS, Telma Temoteo dos; MEIRELLES, Rosane Moreira Silva de. Revisão narrativa sobre as práxis da educação em saúde: por uma educação contextualizada. **Argumentos Pró-Educação**, Pouso Alegre, v. 6, p. 1-27, abr. 2021. Disponível em: <http://ojs.univas.edu.br/index.php/argumentosproeducacao/article/view/604/468>. Acesso em: 14 jan. 2023.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 4. ed. Campinas: Autores Associados, 2013. 472 p.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **A longa viagem da biblioteca dos reis: do terremoto de Lisboa à independência do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. 554 p.

SENA, Priscila Machado Borges. **A Biblioteca Universitária na educação a distância: papel, características e desafios**. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/129086/332346.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 28 dez. 2023.

SILVA, Andreza Regina Lopes da; SPANHOL, Fernando José. **Design instrucional e construção do conhecimento na EaD**. Jundiaí: Paco Editorial, 2014. 126 p.

SILVA, Kátia Rejane da. **Diagnóstico situacional: inovação e inclusão para uma biblioteca universitária ativa**. 2019. Dissertação (Mestrado em Gestão de Processos Gerenciais) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019. Disponível em: [https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/27692/1/Diagnosticosituacionalinovacao\\_Silva\\_2019.pdf](https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/27692/1/Diagnosticosituacionalinovacao_Silva_2019.pdf). Acesso em: 4 set. 2022.

SILVA, Rovilson José da. **Chuva na Biblioteca**. Set. 2018. Disponível em: [https://www.ofaj.com.br/colunas\\_conteudo.php?cod=1156](https://www.ofaj.com.br/colunas_conteudo.php?cod=1156). Acesso em: 31 jan. 2024.

SILVEIRA, Nalin Ferreira. Evolução das bibliotecas universitárias: information commons. **Revista ACB**, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 69-76, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/923>. Acesso em: 29 dez. 2023.

SMIT, Johanna W.; BARRETO, Aldo de Albuquerque. Ciência da Informação: base conceitual para a formação do profissional. In: VALENTIM, Marta Lígia (org.). **Formação do profissional da informação**. São Paulo: Polis, 2002. p. 9-24.

STEINER, João E. Diferenciação e classificação das instituições de ensino superior. In: STEINER, João E.; MALNIC, Gerhar (org.). **Ensino Superior: conceito & dinâmica**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. p. 327-356.

SZYMANSKI, Heloisa. **A entrevista na educação: a prática reflexiva**. 2. ed. Brasília, DF: Liber Livro, 2008. 96 p

TAVARES, José da Cunha. **Gestão da inovação e geração de valor em pequenas e médias empresas**. São Paulo: Senac SP, 2018. 203 p.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987. 175 p.

TUTIKIAN, Jane; SUÑÉ, Leticia Sampaio. Prefácio. *In*: LUBISCO, Nídia Maria Lienert (org.). **Biblioteca universitária: elementos para o planejamento, avaliação e gestão**. Salvador: EDUFBA, 2011. p. 11-16.

ZANINELLI, Thais Batista *et al.* Os nativos digitais e as bibliotecas universitárias: um paralelo entre o novo perfil do usuário e os produtos e serviços informacionais. **Informação & Informação**, Londrina, v. 21, n. 3, p. 149-184, set./dez. 2016.

Disponível em:

<https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/25861>. Acesso em: 29 dez. 2023.

## APÊNDICE A – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS – TÓPICO GUIA

### Geral

Descreva a biblioteca na configuração há 10 anos atrás?

Houve mudança? O que motivou?

Quais foram as inspirações dentro e fora do Brasil?

Houve resistência de alunos, funcionários, equipe?

### Papel da biblioteca

Como você vê a biblioteca como locus de aprendizagem?

Qual a participação da biblioteca nos currículos das disciplinas?

E como a biblioteca ajuda na aplicação ou na prática do estudado nas disciplinas?

Qual o papel da biblioteca no engajamento estudantil?

Entende que a biblioteca acolhe tanto os nativos digitais quanto os demais alunos?

### Espaços

O que acha da afirmação de que a nova biblioteca tem mais espaço para pessoas, e menos para materiais impressos?

Quais os espaços mais especiais/legais, no seu ponto de vista?

Tem ou gostaria de ter espaço para prototipação/mão na massa massa?

A biblioteca atualmente é mais atrativa para o aluno?

Você acha que o aluno é mais autônomo?

### Inovação e tecnologia

Como vê a importância de recursos tecnológicos e de biblioteca virtual?

Você acredita que a biblioteca desta instituição é inovadora?

O que você considera uma biblioteca inovadora?

Qual a sua biblioteca dos sonhos?

## **APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**

O(a) Sr(a) está sendo convidado(a) a participar como voluntário(a) desta pesquisa. A sua participação não é obrigatória, e, a qualquer momento, poderá desistir e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador (a) ou com a Instituição.

Este documento, é elaborado em duas vias originais, que será assinado pelo pesquisador(a) e por você, visando assegurar seus direitos. Solicitamos que leia com atenção este termo e caso tenha alguma dúvida, entre em contato com o pesquisador(a) responsável e sua equipe de pesquisa, podendo esclarecer dúvidas do projeto e de sua participação. Uma via original ficará com o(a) Sr(a) e a outra ficará conosco.

**TÍTULO DA PESQUISA:** A resignificação da biblioteca universitária: uso de espaços educativos em instituições de ensino superior de Sorocaba/SP

**PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL:** Ana Claudia Martins Rosa

**PESQUISADOR PARTICIPANTE:** Prof. Dr. Édison Trombeta de Oliveira

**OBJETIVOS:** Destacar a biblioteca universitária, na perspectiva do novo paradigma biblioteca física, quanto espaço ativo, voltado para interação, comunicação, lazer, descanso e suas funções multivariadas.

**PROCEDIMENTOS DO ESTUDO:** Aplicação e análise de entrevistas

**RISCOS, DESCONFORTOS E O COMO O PARTICIPANTE SERÁ ATENDIDO**

**NESTE CASO:** Os bibliotecários podem se sentir desconfortáveis ao realizar uma entrevista para outro bibliotecário que será gravada e utilizada em uma dissertação com acesso aberto. Para minimizar este desconforto deve ficar claro a intenção da entrevista e que terão acesso a essas informações na íntegra, somente o pesquisador e o orientador. No trabalho final serão utilizados nomes fictícios a fim de preservar a instituição e o profissional.

**BENEFÍCIOS:** Identificar espaços inovadores nas bibliotecas universitárias da cidade de Sorocaba/SP

**CUSTO/REEMBOLSO PARA O PARTICIPANTE:** Você não terá nenhum tipo de despesa por participar deste estudo, bem como não receberá nenhum tipo de pagamento por sua participação, conforme Resolução 466/2012 CNS/MS.

**CONFIDENCIALIDADE DA PESQUISA:** Você tem a garantia de que sua identidade será mantida sob sigilo e nenhuma informação será dada a outras pessoas que não façam parte da equipe de pesquisadores.

**CONTATO:**

Em caso de dúvidas sobre esta pesquisa, você poderá entrar em contato com os pesquisadores, que estão discriminados no início deste documento.

Em caso de denúncias ou dúvidas sobre outras questões éticas, você poderá entrar em contato com a Secretaria do Comitê de Ética em Pesquisa CEP-Uniso, nos seguintes horários: segunda-feira das 9h às 12h30, quarta-feira das 13h30 às 16h e sexta-feira das 9h às 12h30, situado na Rodovia Raposo Tavares, Km 92,5; CEP 18023-000 Sorocaba – SP; telefone (15) 2101-7085; e-mail: [cep@uniso.br](mailto:cep@uniso.br).

**Assinatura do Pesquisador Responsável:**

ACMROSA

**APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO DE PARTICIPANTE DA PESQUISA**

Eu, \_\_\_\_\_, declaro que li as informações contidas no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do projeto intitulado “A ressignificação da biblioteca universitária: uso de espaços educativos em instituições de ensino superior de Sorocaba/SP”, que tem como pesquisadora responsável Ana Claudia Martins Rosa e equipe de pesquisa Édison Trombeta de Oliveira e, fui devidamente informada dos procedimentos que serão utilizados, riscos e desconfortos, benefícios, custo/reembolso dos participantes, confidencialidade da pesquisa e concordo em participar.

Foi garantido ao participante da pesquisa:

- Que todas as informações obtidas a seu respeito neste estudo, serão analisadas em conjunto com as de outros participantes, não sendo divulgada a sua identificação ou de outros participantes em nenhum momento;
- Que pode retirar o consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade;
- A qualquer momento, se for de seu interesse, pode ter acesso a todas as informações obtidas a seu respeito;
- Quando o estudo for finalizado, será informado sobre os principais resultados e conclusões obtidos neste estudo, bem como sobre a possibilidade de publicação destes dados em revista ou apresentação em encontros científicos.

Declaro que recebi uma via original do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e concordo em participar da pesquisa.

Sorocaba, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

**NOME E ASSINATURA DO PARTICIPANTE OU RESPONSÁVEL:**

Nome por extenso: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_